

MARCIO ARDENGHE D. PERES



Garota do Lago
VOLUME ÚNICO



LENDAS URBANAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

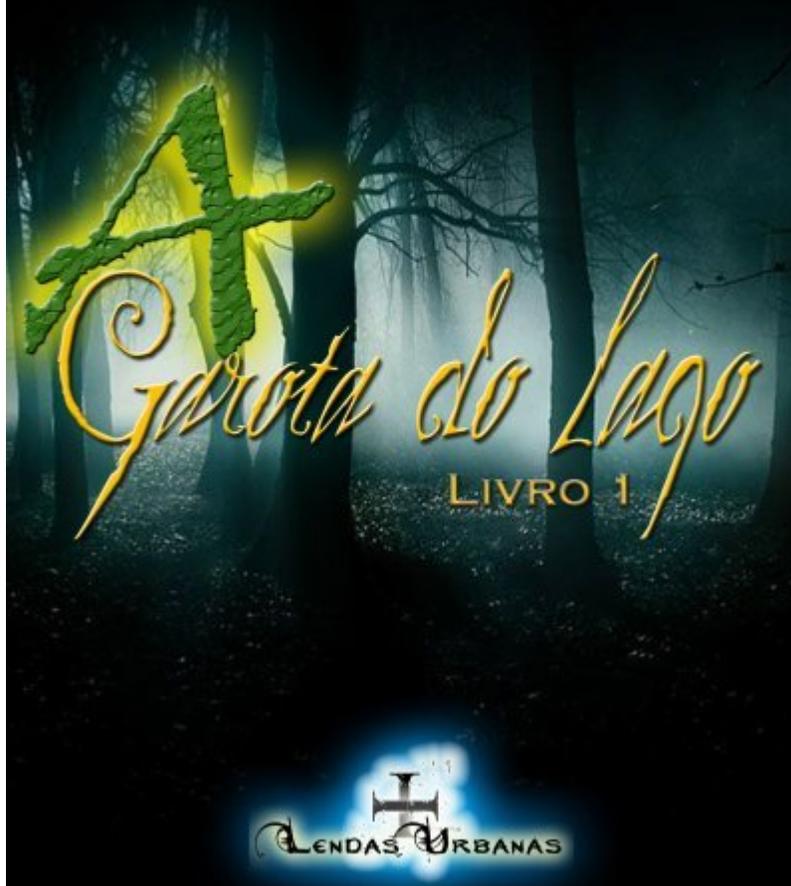
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MARCIO ARDENGHE D. PERES





A Garota do Lago

Livro 1



Não Tenha Medo...

"A garota do lago"



A Garota do Lago – Livro 1

1ª Edição

Mai de 2015

ARDENGHE D. Peres, Marcio

Titulo original: A Garota do lago

Serie Lendas Urbanas

Produção: Revolução Ebook

Revisão: Roque Aloisio Weschenfelder

- Livro Gratuito -

Todos os direitos reservados.

*É proibida a reprodução deste livro e de seu conteúdo com fins comerciais sem a prévia
autorização do autor e da editora*

A História

[Sonhos do Passado](#)
[Encontro de Amigos](#)
[Temos Companhia](#)
[Fantasmas do Passado](#)
[Vamos Embora Daqui](#)
[Aconteceu no livro 1](#)
[A Sombra do Mal](#)
[Descobertas](#)
[O Hospital](#)
[Padre Mor](#)
[Pé na Estrada](#)
[De Volta a Casa do Lago](#)
Aconteceu no Livro 2
De volta ao Passado
Sonhando Acordado
Isabely
É Correr ou Morrer
O Exorcismo
O Final de Tudo
Continua...

Dedico esse livro aos sonhos. Neles
podemos ser quem realmente queremos
e ficamos livre das correntes pesadas que
o mundo utiliza para aprisionar nosso
espírito.

O lá, eu me chamo Christian. Tenho apenas vinte e poucos anos e gostaria de voltar no tempo, mudar o destino. Mas não posso!

Fiquei encarregado de guardar um segredo que não pode ser revelado.

Se você começou a ler isto, então pare!

Feche e nunca mais ouse em abri-lo novamente.

É impressionante como o mal pode mudar tudo, transformar a ilusão em realidade, o amor em ódio e a coragem em seu medo mais obscuro.

Agora, se você decidiu que seu coração é forte o suficiente para aguentar e sua mente não é volátil para pirar:

Boa sorte!

E tomara que os mortos não lhe assustem...

Esta historia nunca foi revelada. Até agora...

SONHOS DO PASSADO

"Alice se virou, sua pele estava azul e os cabelos molhados de sangue pingando na terra, escorrendo e se misturando com a água do lago..."



Os barulhos dos carros estrondavam avenida afora Tinha pelo menos uns 6 deles, todos acelerando freneticamente.

- 3,2,1, vai, vai, vai! –diz o cara com a bandeira e de cabelo moicano.

Nessa época eu era meio, vamos dizer... Muito loco!

Vrumm – Phillip passou tão perto do meu Ford azul, que sua camionete balançou o retrovisor.

-Come poeira com essa carroça! – gritava ele com a cabeça de fora.

Espera só pra ver, seu bixa! – pensei alto.

O botão do nitro era vermelho, e foi por impulso que eu o acionei. Passei cortando o vento até ficar colado com ele novamente.

-Merda! –Falei dando um soco no volante. Duas viaturas da polícia de SidView estavam nos esperando no trevo.

Puxamos o freio de mão juntos, parece que tínhamos combinado dar o cavalo de pau.

A meia volta se completou e o cheiro de pneu queimado no asfalto se misturava com a adrenalina do momento.

Saímos disparados na direção contrária, enquanto os outros carros passavam por nós sem saber o que os esperava no final da estrada.

-Fill chamando! – apareceu no visor do meu celular.

-Você viu aquilo, foi por pouco, cara!

-Eles presos, nós livres!

-Merda! –olha pra frente, animal! – grita Fill no telefone.

Várias viaturas da capital bloqueavam a pista, não tinha para onde ir, puxamos os freios e esperamos.

Minha mãe era super protetora e ficou ainda mais depois da morte da minha irmã. Meu avô sumiu logo após, nunca mais ouvimos falar dele. Ele tinha seus problemas, mas era uma boa pessoa. Dava-me conselhos sobre tudo e falava algumas coisas muito estranhas sobre o mundo que não conhecemos. Já, Alice não era como eu, acho que sou a ovelha negra da família.

-Dois mil de fiança, o carro preso e sua carta caçada novamente. Por que, Christian? *–nessas horas o negócio é ficar quieto; é melhor deixá-la falar.*

Os pais de Phillip estão putos da vida, e eu também, –falou ela, andando de um lado para o outro, dentro do meu quarto.

Tentei me desculpar de cabeça baixa e ela continuou:

-É a ultima vez que você me apronta. Tirei-o da delegacia, mas, da próxima vez... – parou para respirar.

-Bem se já sabe! –Minha mãe saiu bufando do quarto, dava pra ouvir o barulho dos saltos dos sapatos chegando até a cozinha.

Peguei o telefone e ia ligar para o Fill, apertei a tecla dos contatos.

Você tem uma nova mensagem de voz – apareceu no visor do meu celular. Apertei o botão para ver do que se tratava. O silêncio permaneceu por alguns instantes do outro lado.

-Cris, aqui é o Bred. Tudo certo, manin? Espero que sim! Estou ligando para dizer que esta semana eu volto para SidView

Ele foi embora, nunca mais ligou. O que será que ta acontecendo para esse filho da puta voltar agora? –pensei.

-Sabe a casa do lago? Então, compramos aquela propriedade, meu pai está querendo demolir e fazer um hotel-fazenda. Liguei para o Henry e decidimos fazer uma festa no final de semana na casa abandonada. Qualquer coisa me ligue neste número.

Abrços, manin! –fechei o celular!

Festa na casa do lago? Minha irmã morreu lá, caralho, – pensei.

Com quem estava falando filho? – gritou minha mãe da cozinha.

-Ninguém não, mãe, um filho da mãe oferecendo cartões de crédito.

-Esse povo gosta de encher o saco da gente! –gritou ela.

Aquela noite foi difícil de passar. Quase sempre sonhava com Alice; ela nunca falava comigo, via somente imagens, flashes da casa, da árvore e do lago. Mas esta noite foi complicada...

Eu estava em um lugar escuro, tinha bastante névoa, não se via nada a um palmo de distância. Algumas árvores e um corvo negro fazendo um barulho frenético, irritante... Seus olhos vermelhos refletiam a margem do lago onde a lua se espelhava mais adiante. Vi alguma coisa se mexendo atrás de mim, me virei na hora, mas o vulto sumiu.

-Foi bem aqui! –falei, olhando o local em que acharam o colar de Alice. Não sei onde ela o arrumou, mas a víamos com ele de um tempo pra cá.

-Christian! – uma voz suave se pronunciou na escuridão daquela noite. Já sabia quem era.

-E aí, mana! –respondi.

-Christian, não venha até a casa do lago. –disse, ainda de costas para mim. Tentei questioná-la e ela continuou:

-Aqui é muito escuro, as sombras... E ela é muito poderosa. –Alice se virou, sua pele estava azul e os cabelos molhados de sangue pingando na terra, escorrendo e se misturando com a água do lago.

Acordei assustado com a camisa ensopada. Limpei o suor da testa e olhei para o notebook que ficara entreaberto no criado mudo. O relógio do lado piscava 7:00 am acompanhado de um bip que aumentava com o tempo de espera.

Caminhei até a cozinha e vi o café pronto em cima da mesa, como ela sempre o deixava. Minha mãe acordava muito cedo para o trabalho. Eu era muito pequeno quando meu pai foi embora. Então, tivemos de nos virar desde sempre. Ela se tornou uma advogada bem sucedida, mas isso tomava boa parte de seu tempo.

Engoli alguma coisa, bem rápido, e fui direto para a garagem. Ainda estava lá como eu a deixei!

Peguei a minha GS 650 e saí acelerando por dentro da cidade. Seu ronco era música para os meus ouvidos, principalmente quando passava da 4º para a 5º marcha.

Passei pelas ruas principais e peguei a primeira saída para a estrada norte. Não conseguia parar de pensar no dia de amanhã: A casa do lago, Bred e aquele sonho que não saía da minha cabeça.

Já faz mais de completos 10 anos que não dou as caras por lá, e esse sonho estranho, que fica martelando na minha cabeça. Acho que eu to ficando louco!

Sem pensar muito, entrei na estrada de terra, passei por algumas curvas e cruzei a velha ponte de madeira. Após alguns metros, avistei, de longe, a velha casa de madeira onde tudo aconteceu.

Apesar do tempo, tudo parecia igual! A não ser pela placa de *Vende-se* fincada na entrada, próximo à porta da frente. Aquele ar do campo, que entra pelas narinas e traz uma sensação revigorante, estava presente novamente.

Fill chamando – apareceu no visor do celular.

-Alô, bixa!

-Fala, corno! –retribuí!

-Se tá onde? – continuou: - Vou sair um pouco de casa, vamos dar uma volta?

-Já saí, biba! Tô aqui na casa que o Bred comprou!

-A casa do lago? – falou com espanto!

-Aham!

-To indo aí! – disse, desligando o telefone.

Coloquei o celular no bolso e desci da moto. A grama crescia ao redor do lago e o orvalho da noite fez meus sapatos ficarem ensopado! –*Merda!* –pensei alto!

Explorei os arredores da vivenda, bati a mão no bolso e senti que o canivete que era do meu pai ainda estava lá. Ele não me deu, mas eu achei em uma caixa jogada em nosso “Quarto da bagunça”.

A porta dos fundos estava entreaberta, era de madeira trabalhada e lapidada, formando uma moldura que envolvia um vidro central. A cortina que tampava o vidro para o lado de dentro era de um branco amarelado e se estendia pelo chão que também era de madeira.

Mesmo ouvindo a voz da minha irmã martelando na minha cabeça: - *não entrei aí, vai dar merda!*

Tomei coragem e entrei! Pensei que isso estava diferente. Falei baixinho e um pouco assustado com que eu acabara de encontrar.

Quando você entra em uma casa abandonada, pensa encontrar tudo uma zona, mas aqui estava diferente. Sofás marrons, mesa de centro, quadros e tudo mais em seu devido lugar e limpo, sem poeira.

O cheiro de lugar fechado ainda se mantém no ar. Andei até o portal da cozinha. –PLAFT! – A porta dos fundos fechou-se com tudo, levando seu eco para as escadas acima.

Torcia para ser o vento. Quando me viro, vejo alguém caminhando da cozinha até a sala e desaparecendo, quando o portal do meio tira minha visão. Vi, de relance, suas roupas brancas e o vulto passando em flechas. –*Falei que ia dar merda, sai logo daí!* –A voz da minha irmã insistia dentro da minha cachola assustada.

-Chris! – uma mão toca meu ombro.

ENCONTRO DE AMIGOS

"O barulho da moto do Fill sumia entre as árvores até desaparecer completamente..."



Dei um pulo para trás e me virei dando de topo com o Bred.

Parecia mais responsável, jaqueta estilo militar verde-escuro e calças jeans completavam o jeitão do grandalhão.

-Dá um abraço aqui, menina assustada, – falou abrindo os braços. Fiquei meio sem jeito, mas cumprimentei o velho amigo.

-Que cena de amor mais linda! – fala Fill, entrando pela porta. Estava segurando um capacete preto com uma das mãos e na outra segurava um cigarro que acabara de acender.

E aí, carinha! – fala Bred, indo na sua direção e lhe dando um abraço também.

-Por fim, estamos juntos novamente! – falei.

-Só falta o Henry, – completou Fill.

-Liguei para ele, mas ele só vai chegar aqui no domingo. Cheguei antes para arrumar as coisas, chamar as garotas, coisa e tal. Mas,

por que vocês vieram hoje? – falou o gigante.

-Olhei para o Fill e ele olhou para mim...

Estávamos sem nada para fazer e resolvemos dar uma volta na casa do lago.

-Tá certo! – continuou Bred. Uma pena isso tudo ser demolido, a casa é bem antiga, mas muito boa. Meu pai tem um projeto de implantar um hotel-fazenda para eventos e festas. As obras já estão para começar. É uma pena, mas semana que vem isso tudo estará no chão!

-*Kraft!* –um barulho bem alto corta o silêncio.

-Que foi isso?

-Vamos lá ver! –falei.

- *Kraft!* – outro barulho lá fora.

Saímos para averiguar. O sol daquele dia estava se escondendo atrás de algumas nuvens, ficando aquele começo de tarde sem graça, sem sal nem açúcar.

-Olhem isso! –disse Bred, apontando para o chão.

Dois pássaros negros se chocaram com a árvore. Um deles ainda estava se debatendo e o outro já estava morto com as asas abertas.

De longe, fitávamos o lago. O vento forçava a formação de pequenas ondas que se chocavam com a ponte quebrada.

-*Kraft!* –Outro pássaro bate na janela e o barulho dos pedaços de vidro ecoa até nós.

- Caraca! Vocês viram? Atravessou o vidro! – falou Fill.

-Essas aves sem cérebro, morrem à toa, – disse o grandão, indo em direção à porta e entrando na casa. Ajudamos a fazer a descarga das bebidas e ajeitar tudo para o próximo dia.

A tarde chegou rápido e foi embora do mesmo jeito. A noite estava quase chegando e, com ela, nuvens carregadas e escuras se aproximavam trazidas pelos ventos do sul. Ficamos tomando cerveja na varanda da casa, olhando a grande bola de fogo descer atrás das nuvens.

-Tô indo! – falei.

-Vou com você, Cris, esse tempo não está bom! – disse Fill.

-Vocês não estão falando sério, galera, fiquem aqui esta noite! – falou Bred.

Fillip pegou sua blusa. – Não vai dar, cara. A Melissa quer sair hoje, nós vamos jantar no Job's.

-Estava fitando a estrada para ir embora quando o grandão me deixou sem resposta. – É, mano, é só eu e você, não tem jeito. O garanhão ali vai cair na gandaia esta noite.

- Dei aquele sorriso sem mostrar os dentes e ele continuou: – ainda bem que você está aqui. Este lugar deve ser muito assustador à noite.

-Filha da puta! –pensei comigo mesmo. Tinha de ir embora. Minha mãe vai dar um tremendo chilique quando eu falar que não vou para casa esta noite.

Olhei para o celular e só tinha um tiquinho de bateria. Para variar, o sinal estava lá embaixo.

-Vou ligar para minha mãe! -falei para o grandão que ainda permanecia sentado tomando uma *Duff*. Ele deu uma golada e balançou a cabeça, fazendo sinal de afirmativo.

Saí andando e fui parar na cozinha. O celular tocou várias vezes até que ela atendeu. Levei um sermão daqueles, mas, no final, ela permitiu. Quero dizer, ela nem imagina que eu estou na casa do lago e o Bred está comigo, pois disse para ela que ia dormir na casa do Fill.

Já faz muito tempo que tudo aconteceu, mas algumas feridas nunca cicatrizam e qualquer lembrança pode ser o bastante para abri-las novamente.

O barulho da moto do Fill sumia entre as árvores até desaparecer completamente.

Entramos e caímos nos sofás de couro ecológico de cor marrom. O grandão foi em direção à TV, se é que dá para chamar aquilo de TV.

-E essa caixa de abelha será que funciona? – falou ele fuçando no televisor. No visor, não aparecia nada, somente alguns ruídos, algumas pessoas falando sobre a economia, comediantes, política etc...

Aqui! –diz o grandão.

Era o Show do Humor da emissora local, só dava para ouvir, mas já estava de bom tamanho. Permanecemos ali por algum tempo, e logo a chuva começou a cair. Os pingos e respingos batiam no vidro da janela com muita força e escorriam para o lado de fora da casa, levando embora a sujeira. Engraçado ver aquelas marcas de barro descendo até o portal da janela. Aquilo fazia me lembrar de quando eu e minha irmã éramos crianças. Nós costumávamos escrever nossos nomes nas janelas e no carro empoeirado da mamãe, mas, no final, virava uma guerra e nós passávamos as mãos em tudo, deixando só marcas de dedos.

TEMOS COMPANHIA

"O que eu tinha de xeretar na casa do lago, devia ter ficado em casa, não deveria ter vindo aqui. Bem que minha irmã tentou me avisar..."



E stava um verdadeiro "pé d'água". Não conseguia ouvir nem as piadas dos humoristas na TV. As janelas da cozinha batiam forte e o vento frio passava sobre os fios de energia elétrica e faziam um barulho, um assovio, que penetrava na cabeça da gente. Bred desmontou sobre o sofá, estava segurando uma *long neck* pela metade em uma das mãos, e a outra permanecia pendurada sobre o braço do sofá. –*Cara, como ele é grande!* –Pensei.

A televisão piscou umas três vezes e apagou com tudo, ficou muda por alguns instantes e as luzes da casa toda começaram a piscar, totalmente fora de sintonia.

A televisão ligou novamente, alguns ruídos saíam, mas a tela ainda estava totalmente apagada.

-Vocês vão morrer, morrer, morrer... – sai uma voz distorcida e, ao mesmo tempo, ensurdecadora do aparelho. Fiquei apavorado olhando fixamente para a TV. O show de humor começou a ser exibido novamente.

-*Como faz para uma galinha ficar quieta?* – disse o humorista.

O silêncio novamente tomou conta do lugar.

-Não tem para onde fugir, eu vejo vocês! – disse a voz misteriosa.

-*Coloca ela na panela!* – continuou o humorista.

Olhei para o Bred e ele estava olhando para mim, assustado.

-Você ouviu isso?

-Aham, e você?

-Sim! -respondi. Ele estava pálido e com uma cara de assustado, mas a minha não devia estar diferente.

O que eu tinha de xeretar na casa do lago, devia ter ficado em casa, não deveria ter vindo aqui. Bem que "minha irmã" tentou me avisar!

-TOC, TOC. – Tinha alguém batendo. As batidas na porta eram fortes, e já estava tarde *pra caramba*. -Pegue a faca perto da mesa! – falei batendo a mão no bolso, verificando se o canivete ainda estava lá.

-TOC, TOC, TOC.

-Quem é? –perguntamos juntos. As batidas continuaram, dava para ver a porta tremer à cada batida, fazendo a poeira que estava em cima do batente ser refletida pela luz.

-Segure isso! –disse Bred, me dando a faca e saindo em disparada, subindo as escadas até chegar ao andar de cima.

-Onde você está indo? –resmunguei baixinho. Minhas mãos suavam e os pensamentos estavam todos embaraçados. *Quem será que bate na porta a uma hora dessas? Ainda mais aqui, nesse fim de mundo. Coisa boa não pode ser!*

-Droga! –gritei. Agora eu vi que a coisa tá feia. Bred desce as escadas com uma pistola 9 milímetros, verifica o pente e a destrava. A arma era quase inteira cromada e refletia com a luz da casa.

-Quem está aí? –pergunta ele, apontando a arma para o centro da porta.

-Sou eu, vacilão! –*era a voz do Fill*.

-Que susto, cara! Peguei até a arma, – disse Bred, abrindo a porta.

O ar gelado da noite entra com tudo na casa, que chega a dar um arrepio na espinha. Fitei a porta aberta por alguns instantes.

-Não tem ninguém aqui! – exclamou o grandão.

Em sintonia com suas palavras, meu celular começou a tocar dentro do bolso da calça. Olhei para o visor que mostrava: "*Fill chamando*".

É ele! – falei.

Atendi no terceiro RING!

–Fala, biba! – falei. Notei que tinha algo estranho na ligação. O silêncio no telefone não durou muito, mas parecia ter permanecido por horas até que ele começou a falar:

-Cara, está acontecendo algo muito estranho aqui! Minha moto não quer pegar e parece que tem gente me perseguindo.

-Mas, você está onde? – perguntei depressa.

-Não sei carinha, está muito escuro aqui! – Fill foi interrompido, a bateria do meu celular acabou e a ligação caiu. A porta, perto de Bred, bateu com tudo na nossa frente.

-E aí?

Ele está perdido lá fora, e a moto dele não quer pegar!

-Estranho. Já era para ele estar na casa dele faz tempo. Tem algo muito estranho acontecendo aqui!

A tempestade tinha se acalmado, somente alguns respingos de garoa permaneceram firmes abaixo das nuvens carregadas, e o frio não deu trégua.

Deixei meu celular carregando perto das escadas, em cima do terceiro degrau. Colocamos umas três camadas de roupa, botas e claro, levamos a arma.

A camionete do Bred cortava o barro com sua tração 4X4. Andamos pela estrada de terra até chegar perto da rodovia. Uma luz se aproximava rapidamente em nossa direção.

-Freia! –gritei. Mas já era tarde demais. O carro estava correndo muito, e a estrada permanecia escorregadia como sabão. Bred freou a 4x4 e o carro misterioso deu abaixo da porta lateral, perto dos estribos.

Do ângulo em que estávamos, viam-se as marcas dos pneus freando no barro. A fumaça branca jorrando do motor e o cheiro de terra estava por toda a parte. O motor a diesel morreu logo após a cacetada. Desceram duas pessoas do carro. Bred verificou a 9 milímetros que escondeu debaixo do banco. Veio até nós uma pessoa com uma blusa de capuz preto e óculos quadrados de grau. Aproximou-se da janela e falou:

-Desculpa, cara, foi mal! Eu me chamo Lucas.

-Que cagada, hem, fera! – disse o grandão.

-Estamos perdidos! Procurávamos a casa do lago do Bred.

-Quem é você? –perguntei.

-Oi, gente! – diz Mi, surgindo do lado do rapaz. Ela estava “mó gata”. Seus cabelos estavam ruivos e, apesar da espessa camada de roupas, dava para ver que seu corpo permanecia alinhado. Milly era a melhor amiga da minha mana. Alice via-a como uma irmã. As duas passavam muito tempo juntas, mas depois de tudo que aconteceu, nunca mais a vi pessoalmente. Topei algumas vezes com umas fotos dela na internet, mas ainda não tinha visto seu novo visual flamejante.

Todos estavam olhando a batida.

-Ainda bem que a camionete é boa de freio! –comentou Lucas, investigando ao redor dos veículos. O carro deslizou para baixo da camionete, bateu nos estribos e acabou tendo o capô todo ralado.

A noite se tornou longa e parecia não querer acabar. Depois de horas e horas procurando o Fill, não encontramos nenhum rastro de seu paradeiro. Lucas e Mi nos ajudaram, mas antes tivemos de

guinchar o carro deles. Somente a camionete de Bred andava naquele barro todo. Faltava pouco para chegar à casa do lago. Depois da próxima curva, conseguia-se ver o topo do telhado aparecendo entre as árvores.

-Olha aquilo! – gritou Mi no carro de trás. As luzes do andar de cima acendiam e apagavam sem parar. O vento forte se ajeitava entre árvores, fazendo a floresta inteira balançar. Chegamos na frente da morada. Reparei que a porta da frente estava “entreaberta”. A voz de Alice explodia entro da minha cabeça. “*Sai daí, seu idiota! Não ta vendo que a coisa está ficando feia?*”

Peguei o celular do Bred para ligar 190, mas nada de a bateria ressuscitar. –Mi, ligue para a polícia! – falei. Ela pegou seu celular e mostrou para mim: “SEM SINAL”, mostrou o visor. O celular de ninguém estava querendo colaborar. As luzes da casa pararam de piscar e a escuridão tomou conta de todos os cômodos, menos do quarto do meio, localizado no andar de cima. Ele permanecia acesso e de tempo em tempo dava alguns piques de energia.

Uma sombra passou em frente à janela e estacionou, permanecendo virada para nós.

-Galera, olhem aquilo ali! – falei, apontando para o quarto.

A luz se apagou!

FANTASMAS DO PASSADO

"Não entre aí, eu já te disse, vai dar merda. – A voz da minha mana pulsava em meus pensamentos..."



Tem gente aí! – disse Mi com aquele ar de assustada. Suas mãos estavam tremendo e ela tentava escondê-las do frio que não queria ir embora.

-Vocês não estão vendo o que está acontecendo? Isso não é normal. Essas luzes piscando, a televisão falando coisas estranhas e o Fill está desaparecido. –falei, olhando fixamente para o Bred.

-Cagão! –Ele respondeu para mim, destravando a arma e indo em direção às escadas da casa. Fui atrás dele e o segurei pelo braço. – Vamos vazar daqui!

-Se tiver alguém ali dentro, eu vou descobrir, –completou ele, fitando a porta e dando alguns passos até ficar cara a cara com a entrada da casa. A porta de madeira veio com tudo, atingindo o batente, fez um barulho estrondoso, levando consigo o silêncio. Alguns pássaros que estavam na árvore próxima à casa, voaram na direção do vento. Olhei para cima e vi aquele mesmo corvo de olhos

vermelhos me olhando lá de cima. A lua refletia no lago, igualzinho ao meu sonho. E, aquele barulho irritante não saía da minha cabeça.

De longe, do céu escuro, uma gota desce com elegância e ganha velocidade, caindo bem em cima do meu nariz. Ela não veio só. Os pingos pesados de chuva pegaram carona e, em pouco tempo, a tempestade voltou para nos visitar.

Atrás daquela cara de durão, Bred escondia seu medo. Percebemos logo quando ele recuou da varanda da vivenda e veio até nós. Engatamos o cabo de aço no carro de Lucas novamente, acho que ele tinha tirado quando desceu do carro. A chuva não dava trégua, e sentei no banco ensopado. Tentamos fazer a camionete pegar, mas o motor tinha morrido.

-Tente de novo! – falei.

Era a bateria que tinha arriado. Ficamos em silêncio por alguns instantes, eu e Bred na camionete e Lucas e Mi no carro de trás. Os trovões cortavam o silêncio e um raio desceu bem perto de onde estávamos fazendo o clarão se espalhar pelo horizonte.

-Vamos ter de entrar! – disse Bred.

Não entre aí, eu já te disse, vai dar merda. – A voz da minha mana pulsava em meus pensamentos.

-Vamos ficar aqui, até a chuva passar, – tentei convencê-lo. Ele saiu debaixo de chuva e foi direto para a velha casa. Sabe aquela sensação de culpa que fica martelando em sua cabeça? Eu estava me sentindo assim agora. – *Ah que se foda!* – pensei alto, desci da geringonça e fui atrás dele.

A casa estava fria e as luzes não funcionavam mais. Dava para ouvir o barulho das gotas de chuva batendo nas janelas e em cima das telhas. Agora se via também algumas goteiras pingarem perto do canto esquerdo da sala. As janelas estavam embasadas, passei o pulso da blusa para facilitar a visão. Consegui ver Mi e Lucas dentro do carro com o farol aceso. Minhas mãos e meus pés estavam congelando, apesar da grossa camada de roupa e dos dois pares de meias de algodão nos pés. Bred segurava a arma com firmeza. O

seu brilho ofuscante refletia a luz da camionete do lado de fora da casa.

O andar de cima estava inquieto, parecendo aquelas "*festas rave*" com luzes acendendo e apagando. Que pena que, nesta ocasião, não tinha as belas garotas e a música eletrônica. Estava simplesmente me borrando de medo com toda aquela situação. Bred parecia um armário subindo as escadas na minha frente. A luz vinha do quarto do meio. Quando chegamos ao topo, vimos a porta entreaberta e sentimos que o vento frio vinha de lá. Pensei comigo: *É provável que a janela esteja aberta.* A cada passo chegávamos cada vez mais perto do quarto. O grandão carregava a arma em uma das mãos e com a outra segurava o seu celular, na tentativa de clarear o caminho. Ele olha para mim, acenando a cabeça.

-No Três a gente entra!

-Um... Dois...

-*Se eu fosse vocês não entraria aí dentro!* – Uma voz suave se sobressaiu no silêncio.

-Alice! – perguntou Bred.

-*Saiam daqui agora!* –disse novamente aquela voz, agora com uma tonalidade mais forte. Meu coração disparou e um arrepio subiu pela espinha e, para piorar, o celular do Bred apagou. As luzes que piscavam antes se apagaram por completo e a casa ficou na escuridão. Via-se somente o claro da lua, quase encoberta pela janela do corredor.

-Chris, fique por perto! –Bred deu o celular para mim e segurou a minha outra mão. Apertava todos os botões, e nada de ligar o aparelho, aquela porcaria não acendia.

-Vamos pelas escadas, –falei. Caminhamos lentamente e dando passos curtos no escuro. Alguma coisa puxou o Bred para trás e o desespero tomou conta de mim. Segurei ele firme e puxei com tudo, fazendo ele se soltar. Senti um cheiro de terra molhada entrando pelas narinas, e, quando acabamos de descer o último degrau, as

luzes acenderam. Lucas e Mi estavam parados do lado de fora da casa, perto da porta.

-O que aconteceu lá em cima? E por que vocês estão de mãos dadas? –perguntou Mi.

-Vocês não vão acreditar!

VAMOS EMBORA DAQUI

"O sal é uma arma poderosa contra os espíritos. Mas, não se engane, pois o mal sempre acha um jeito de terminar o que começou..."



Contamos a eles, e o pior é que eles acreditaram. Se alguém me falasse, eu não acreditaria. Imagine só, o fantasma de Alice falando com a gente. Mas, tudo bem, cada caso é um caso. Mudando de ideia, dentre as circunstâncias, eu também ficaria meio bolado e, provavelmente, acreditaria.

-Vamos embora daqui! –falou Lucas, levantando-se.

-KRAFT! – A porta da frente fechou com tudo. Aquele cheiro de terra molhada, trazido pelo ar, simplesmente sumiu, mas do nada a sala começou a ficar gelada. Tentei falar algo, mas saiu aquela fumaça que sai da boca e do nariz da gente, quando está muito frio.

-É a Alice, Lu. Minha melhor amiga, – falou Mi, chorando e abraçando Lucas. Não sabia nem o que pensar. Minha irmã morta apareceu para mim e disse para vazar daqui, mas por que ela fechou a porta?

-Vi um vulto branco descendo as escadas.

-O que foi, Chris? – perguntou Bred. Meus olhos deviam estar arregalados fitando o vulto atrás dele.

Não consegui ver seus olhos, mas seu rosto ficava cada vez mais nítido, à medida que aquela coisa se aproximava de Bred. Era uma mulher, ou pelo menos era a sombra do que já foi um dia. Seus cabelos eram pretos e longos, suas roupas eram brancas, mas estavam sujas, queimadas e com algumas partes faltando. Olhei para os outros, mas parecia que eles não estavam vendo nada de errado. A mulher morta sussurrava algo no ouvido de Bred, fazendo-o ficar em algum tipo de transe.

-Tudo bem com você, cara? – disse Lucas, chegando mais perto do grandão.

Bred olha para Lucas e torce o seu braço, fazendo-o cair de joelhos.

-Pare! O que está acontecendo? – grita Mi.

Bred olha para sua outra mão e vê a 9 milímetros, segura com força e bate com tudo na cabeça do rapaz que, por sua vez, cai no chão desmaiado. Mi dá um grito e cai de joelhos perto de Lucas, segurando sua cabeça.

-Por que fez isso? Você está louco? – diz, chorando.

Eu já sabia o que tinha acontecido. Foi aquela mulher, aquela coisa, o mandando fazer aquilo, agindo por ele.

Bred levanta a arma e aponta para os dois, e aquela maldita assombração não para de sussurrar no ouvido dele.

Se ao menos eu tivesse um pouco de sal grosso. Meu avô sempre dizia: *"O sal é uma arma poderosa contra os espíritos. Mas, não se engane, pois o mal sempre acha um jeito de terminar o que começou..."*

Ele via coisas, mas ninguém acreditava nele. Meu avô desapareceu um pouco depois que minha irmã morreu. Eu ainda tenho guardado um caderninho antigo que ele usava para anotar algumas coisas estranhas, sobre as suas visões e experiências ocultas. Consigo até ouvir a sua voz dizendo: "Esse caderno é tudo que eu tenho, quero que o guarde para mim. Você não está preparado para ler o seu conteúdo, mas, um dia você precisará dele.

Afinal eu não sou muito diferente de você.” Depois disso, nunca mais eu o vi.

Olhei para trás e vi um pote cheio de sal na pia da cozinha. –TAF! – fez um barulho chocho quando Bred puxou o gatilho. Levei um choque e pensei comigo mesmo: *está travada*. Suas mãos tremiam, e Mi estava gritando e chorando, enquanto Lucas permanecia desmaiado na minha frente. Não sabia o que pensar, não sabia o que fazer. As coisas tinham saído do controle e meus pensamentos estavam a mil por hora. Acho que foi por impulso, o sangue fervendo dentro do corpo. Saí disparado e atravessei o portal da cozinha, chegando bem próximo da pia, pequei o pote de sal grosso, destampeei e saí correndo na direção daquela coisa. Bred destravou a arma e a levantou colocando o cano dentro da sua boca. Suas mãos tremiam, dava para escutar o aço da arma batendo em seus dentes. Ele olhou para mim de canto de olho e fez um sinal negativo com a cabeça. Via-se que ele estava lutando contra aquilo, mas estava perdendo a batalha.

Quando cheguei bem próximo deles, joguei todo o sal em cima do fantasma. Parecia que tinha jogado gasolina no fogo. Aquela coisa começou a queimar até desaparecer, ficando somente uma fumaça cinza escura que se espalhava pela sala.

Bred tirou a 9 milímetros da boca e desabou no chão. Peguei a pistola, tirei o pente e joguei-o do outro lado da sala.

Mi, rápido! Preciso da sua ajuda! Sei que parece estranho, mas não foi o Bred que fez isso. Alguma coisa estava manipulando ele. Eu a vi!

-Alice? –perguntou ela, com a voz toda tremida.

-Antes fosse. Parece loucura, mas minha irmã queria nos ver longe deste lugar. E tem mais. O fantasma que quase nos matou, não vai demorar a voltar. Preciso que você me ajude a encontrar o máximo de sal possível. A garota não parava de chorar, estava soluçando. Ela olhava para mim e para o seu namorado seguro em seus frágeis braços.

-Olhe para mim. Somente nós dois estamos acordados e a coisa aqui está mais feia do que parece. Vamos colocar Lucas no sofá e me ajude a encontrar algo para parar aquela coisa. Pelo bem de todos nós! –falei segurando sua cabeça firme, olhando nos olhos dela.

Mi engoliu a saliva e sua voz saiu meio pelas metades. –Está bem!

Reviramos a casa inteira e nada de achar uma grama de sal. – Tenho um pouco no carro. Vou lá fora buscar – disse ela, caminhando em direção à porta.

-Chris, não está querendo abrir, – ouvi-a dizer. Bred se contorcia no chão, cheguei perto dele e comecei a falar:

-Carinha, precisamos de sal! Você sabe onde tem?

-Na dispensa, eu acho que lá tem! –disse ele, falando em socos, com uma tosse no final.

-Onde fica isso?

-No porão, debaixo das escadas.

Saí correndo em direção da escada. Chegando lá, vi que a porta estava aberta. Apertei o interruptor e a luz acendeu, revelando uma enorme escadaria de madeira empoeirada. As teias de aranha grudavam em minha pele e os morcegos se revelavam, à medida que eu descia os degraus. Quando cheguei lá embaixo, logo avistei duas caixas colocadas no pé da escada, percebia-se que elas estavam ali há pouco tempo. O cheiro de mofo, poeira e urina de rato, estavam fixados naquele lugar. Alonguei um pouco mais a visão e vi um espelho velho coberto pela metade com um lençol branco empoeirado, uma mesa cheia de caixas, ferramentas e alguns quadros empilhados em um quanto qualquer.

Abri uma das caixas e lá tinha pelo menos uns 5 pacotes de sal, molho para churrasco, pimenta em conserva, espetos, etc...

A luz ameaçava apagar, dando piques de energia que deixavam o porão em uma escuridão arrepiante. Naquele momento, essa sensação fez com que minha mente começasse a ver coisas. Olhos

por toda parte me observando, e aquele barulho de corvo infernal, nasceu novamente naquela escuridão.

Subi a escada e quando estou quase saindo de lá, a porta se fecha e me joga escadas abaixo.

Bati a cabeça e me perdi na escuridão, ouvi os corvos gritarem cada vez mais perto, voando ao meu redor. Meus olhos estavam cada vez mais pesados e as sombras me dominaram, não aguentei e desmaiei no pé da escada.

-Christian! Christian! Acorda! – Sou eu, Alice!

CONTINUA...

MARCIO ARDENGHE D. PERES

LIVRO 2

A GAROTA
DO LAGO



A
Garota do Lago



A Garota do Lago

Livro 2

"O sal é uma arma poderosa contra os espíritos. Mas, não se engane, o mal sempre acha um jeito de terminar o que começou..."

"A Garota do Lago Livro 1"

A Garota do Lago – Livro 2

1ª Edição

Maio de 2015

ARDENGHE D. Peres, Marcio

Título original: A Garota do lago – Livro 2

Serie Lendas Urbanas

Produção: Revolução Ebook

Revisão: Roque Aloisio Weschenfelder

Todos os direitos reservados.

*É proibida a reprodução deste livro e de seu conteúdo com fins comerciais sem a prévia
autorização do autor e da editora*

*Gostaria de dedicar esse livro ao tempo, somente ele
pode revelar o destino que cada um escolheu para si
mesmo.*

Olhe eu aqui de novo...

Você chegou à segunda parte da história.

Aconteceram algumas coisas que lhe deixaram curioso. Outras se perguntando, *o que será que vai acontecer?* E outras um aperto no coração! Tenho

uma coisa para lhes dizer. A história nem começou!

Eu avisei, mas, agora, é tarde demais. Você não

consegue parar de ler, não é mesmo? Você quer

saber o que vai acontecer, e não adianta nada olhar

para a última folha, pois o caminho mais fácil se

torna inútil. O final não significa nada sem o meio.

Alice foi mais que uma irmã para mim, mas agora ela

está morta. Eu não posso falar nada, mas ela não vai

ficar em silêncio!

ACONTECEU NO LIVRO 1



Minha irmã morreu faz exatamente 10 anos. A casa do lago permaneceu fechada até os dias de hoje, até meu amigo Bred me ligar dizendo que seu pai acabou de comprar aquela propriedade. Ele resolveu fazer uma festa para reunir a galera e lembrar os velhos tempos de escola. Estava indo tudo bem, até meu amigo Fill desaparecer no meio da noite. Chamadas estranhas em nossos celulares. A TV da sala querendo nos matar. E, para completar, o fantasma de uma mulher entrou de algum jeito na mente de Bred e quase nos matou com uma pistola 9 milímetros. Alice, minha irmã, não queria que eu estivesse aqui. Mas, agora é tarde demais! Ela tentou me avisar. Eu não sei o que está acontecendo com este lugar, mas tem alguma coisa aqui que não está certa. Agora, eu estou desmaiado no porão escuro da casa do lago. Meus amigos estão lá em cima feridos e o único jeito de sobrevivermos esta noite são esses potes de sal. Nunca pensei em dizer isso, mas estou curioso para saber o que tem lá em cima. Você não?

Boa sorte, e tomara que os mortos não lhe assustem...

A SOMBRA DO MAL



"Eles morreram, vocês também irão".

Fiquei desmaiado naquele porão por horas. Olhei para o topo da escada e vi um fecho de luz sair da porta. *Está aberta.* Pensei alto.

Achei ter ouvido a voz da minha irmã, mas não a vejo. Subi as escadas levando comigo os potes de sal grosso. Trombei no batente da porta e deixei um pote de sal cair escada abaixo, mas continuei assim mesmo. Chegando à sala, avistei Bred com a mão na cabeça e Lucas ainda desmaiado.

-Tudo certo, grandão? –perguntei para ele.

-Tudo. Minha cabeça dói um pouco, –falou ele.

-Mi! –gritei seu nome. Chamei várias vezes, mas não obtive nenhuma resposta. Deixei os frascos de sal em cima do sofá, perto do Bred. Destampeí um e segurei um punhado na mão. Segurando firme, caminhei até a cozinha. Meus pés diminuíram automaticamente a velocidade, quando eu passei do batente da porta. Avistei, novamente, aquele maldito espírito, aquela coisa

exalava maldade, ódio e escuridão a sua volta. A cozinha estava mais fria do que o resto dos cômodos. As janelas permaneciam todas embaçadas. O ar pesado formava uma espécie de fumaça, uma névoa em todo o chão daquele lugar. Mi estava lá, sentada em cima da mesa de costas para mim. E aquela coisa atrás dela.

-Faz parar, Chris! –disse ela desesperada olhando para trás.

Mi segurava em sua mão direita uma faca pontiaguda, muito afiada. O fantasma da mulher sorriu para mim e Mi levantou a sua mão e a estendeu na direção do coração. Joguei o punhado de sal em cima das duas fazendo o fantasma queimar. Caminhei até a garota, ela ainda estava de costas e segurando a faca na direção do seu coração. Eu a abracei e tirei a faca de sua mão. Caminhei até o outro lado da mesa e vi sua barriga inteira mutilada. Os cortes não eram profundos, pareciam arranhões, feitos com uma precisão extraordinária. Os traços dos cortes, na barriga de Mi, formavam alguma coisa. Peguei sua blusa e limpei o sangue.

“Eles morreram, vocês também irão” estava tatuado na pele da garota. Ela chorava e gritava de tanta dor. Eu não sabia o que pensar, não sabia o que fazer naquele momento. Tentei me passar de calmo para ela. Fomos juntos até a sala e a deixei no sofá junto com o Lucas. Peguei o pote de sal aberto e formei um círculo em volta de onde nós estávamos. Sentei no tapete marrom que estava no chão e comecei a contar para eles.

-Então quer dizer que estamos seguros dentro deste círculo de sal? –falou Bred.

-Por um tempo. Como dizia meu avô:

“O sal é uma arma poderosa contra os espíritos. Mas não se engane, o mal sempre acha um jeito de terminar o que começou...”

Atrás de você, Chris. –falou Mi com voz trêmula, apontando para a porta da cozinha. *Engraçado, eles começaram a ver também.* Acho que quando você é tocado, de algum modo, por algum espírito, você passa a vê-lo também. Joguei o sal novamente na assombração, e como das outras vezes, conseguimos pará-la.

-O que foi isso? –disse Bred. Olhei para ele e seus olhos estavam arregalados.

-Foi essa coisa que te possuiu. Quase nos matou e tentou te matar. E, para completar, mutilou a barriga da Mi.

-Estamos ferrados, não é mesmo? –falou o grandão.

-Você nem imagina o quanto, –respondei.

O relógio da parede da sala mostrava: 04:02 AM. Aquela noite parecia não ter fim, e o silêncio dominou o lugar. Apaguei encostado no braço do sofá com o pote de sal nas mãos. Uma claridade toca a minha face e me faz despertar. Tinha clareado o dia. Olhei para o relógio da parede: 7:05 AM aparecia no mostrador. Olhei ao meu redor e vi todos dormindo. Não consegui me acostumar com a ideia de ver Mi toda cheia de sangue daquele jeito. Suas roupas estavam ensopadas e, de tempo em tempo, ela se retorcia com as mãos na barriga.

Caminhei para fora do círculo de sal e fui na direção da porta da sala. –*Volte!* A voz de Alice perfurou minha cabeça. Eu sabia que tinha de voltar, mas continuei caminhando em direção à saída. Abri a porta da sala e vi que a noite não tinha terminado, estava totalmente escuro. Olhei para o celular que estava carregando naquela tomada perto da escada. 04:33 AM marcava no visor.

A porta se fechou com tudo e a claridade que vinha das janelas se transformou em escuridão. Tentei correr para dentro do círculo e dei de cara com a mulher. Sua boca não se mexia, mas ela começou a falar comigo.

-Não quero te machucar, –falou ela, caminhando em volta de mim. Os potes de sal grosso estavam todos dentro do círculo. E todos os outros estavam dormindo.

-Você quase nos matou! –falei.

-Eu quero que você caminhe até o círculo e o abra para mim, – disse o fantasma. Não sei o porquê, mas ela não consegui me controlar. Mesmo assim, fiz o que ela me pediu. Estava a uns cinco

metros de distância do círculo e comecei a dar passos lentos em sua direção.

-Isso mesmo. Abra o círculo para mim, – continuou.

Fiquei cara a cara com o círculo de sal. Conseguia sentir a respiração gelada do fantasma atrás de mim, tentando me controlar a fazer o que ela queria, a todo custo.

Eu me abaixei e encostei as duas mãos no sal que formava o círculo. Peguei um punhado em cada mão e joguei com tudo na assombração. Olho ao meu redor e não a vejo, mas, quando dirijo a visão para o círculo, lá está ela, se aproximando de Bred. Dei um chute no sal que formava a nossa proteção mágica fazendo o sal cair em cima daquela coisa. Ela desapareceu. Peguei o pote de sal e fechei o círculo novamente.

DESCOBERTAS



...Eles não podem nos seguir assim que amanhecer o dia. Meu avô dizia: "O dia é dos vivos e a noite é dos mortos."

A noite passou sem mais nenhum incidente. Fiquei acordado o tempo todo até clarear o dia.

Bred acordou assustado, olhou ao seu redor e disse: -Merda! Pensei que fosse um pesadelo!

-Infelizmente não é, meu amigo, –completei. Mi ainda estava dormindo e Lucas estava se mexendo ao seu lado.

-Como você sabe tanto sobre isso? – perguntou o grandão.

-Fiquei um tempo parado, pensando na resposta, na melhor resposta que eu podia lhe dar. Mas não tinha nenhuma, só a

verdade.

-Não sei nada sobre essas coisas.

-Como não. Se não fosse aquele lance do sal, estaríamos todos mortos.

Lembrei na hora de meu avô. Ele me ensinou isso. Antigamente ele colocava sal em todas as portas e janelas, toda a noite antes de deitar.

-E de dia essas coisas não aparecem? –perguntou.

- Eles não podem nos seguir assim que amanhecer o dia. Meu avô dizia: *"O dia é dos vivos e a noite é dos mortos."*

Meu avô era mesmo diferente. Ficávamos muito tempo juntos, ele me contava histórias sobre um mundo que eu não conhecia. É um pouco estranho contar histórias de terror para crianças, mas ele sempre me contava. Eu gostava muito de ouvir seus contos sobre vampiros, lobisomens, fantasmas, monstros, entre um monte de outras coisas sobrenaturais. Minha mãe não sabia dessas noitadas com o meu avô, ela ficaria louca se soubesse.

-Onde ele está agora? – minha viagem de pensamentos foi interrompida pela pergunta de Bred.

Quando Alice morreu, ele desapareceu e nunca mais o vimos.

-O que aconteceu aqui? E por que eu estou com uma tremenda dor de cabeça? –disse Lucas, levantando do sofá.

Contamos tudo a ele, mas ele custou a acreditar. Mi acordou e, com uma voz fraca e suave, disse:

-É uma longa história, nem eu estou acreditando direito, mas é a mais pura verdade. –Ela ergueu sua blusa e mostrou os cortes em sua barriga. –Olhe o que aquela filha da puta fez comigo. – completou.

- Vamos sair daqui e nunca mais voltar! –disse Lucas, tocando levemente a barriga de Mi.

-O fantasma que nos tocou uma vez, dificilmente irá nos deixar, – falei, olhando em seus olhos. Nem sei por que eu disse isso, mas

saiu sem pensar.

-E o que faremos agora? –perguntou Bred.

Tenho um amigo que pode nos ajudar. Já faz algum tempo que eu não vou à igreja, mas agora eu preciso da sua ajuda.

-Saímos todos da casa. Olhei para o céu e vi que os raios de sol se entrelaçavam entre as nuvens. O lago estava quase transbordando de tanta água que veio durante a chuva.

Bred deu partida na camionete e ela pegou de primeira. Estávamos todos dentro do veículo a caminho do hospital de SidView. Os pneus para barro fizeram a diferença e a camionete saiu cortando a estrada. Passamos pelas primeiras curvas com facilidade, mas quando estávamos quase chegando à rodovia, demos de cara com uma árvore rachada no meio. Seus galhos e folhas estavam chamuscados e parte dela bloqueava o caminho.

-Deve ter sido um raio! –disse Mi. Ela estava mais corada, parecendo muito melhor que antes.

Descemos da camionete e caminhamos em direção ao galho no meio da estrada. Mi ficou dentro do veículo, enrolada em um cobertor de pelo marrom com flores gigantes brancas.

As nuvens alvoroçadas começaram a fazer barulho e o tempo escureceu novamente, deixando o sol apagado em plena manhã.

Pegamos os três no galho gigante. -1... 2... 3... vai! – disse Lucas. Com muito custo conseguimos jogar o galho na beira da estrada. Bati as mãos na tentativa de tirar a sujeira e vi alguma coisa no chão, entre as folhas secas das árvores. Abaixei e peguei o óculos de Fill.

-O que é isso? – perguntou Bred.

Mostrei para o grandão, e logo ele reconheceu.

– É do Fill! –falou ele.

Do nosso lado direito se formava um pequeno vale, coberto de grama e entrelaçado por árvores nativas. Vi que algo brilhava lá de baixo. Aproximei e chamei os outros. –Vejam isso!

Era a moto do meu amigo caída e praticamente destruída.

-Que merda! É a moto do Fill, –falou Bred.

-Onde será que ele está? – perguntou Lucas.

-AHHHH! – ouvimos Mi gritando dentro da camionete e, instantaneamente, saímos correndo em sua direção.

-O que foi, amor? –perguntou Lucas.

Ela se contorcia e tentava tampar os olhos. Sua visão permaneceu fixa no chão da camionete.

-Por que você gritou? Aconteceu algo? –perguntei, procurando seus olhos, mas eles estavam fixos, olhando para baixo.

Mi olhou para mim chorando e apontou o dedo para a copa da árvore acima do veículo.

Fill estava pendurado lá em cima por uma corda. Seu corpo estava balançando conforme o vento soprava. Ouviam-se os estralos do seu pescoço congelado acompanhando o balanço do vento.

A corda que envolvia seu pescoço era muito grossa e de aparência antiga, cheia de musgo de árvore. Não sabia como reagir àquilo. Ontem mesmo ele estava vivo, falando que iria levar sua namorada para jantar. E, agora, Fill está morto, pendurado acima de nossas cabeças e balançando na copa de uma maldita árvore.

-RING, RING! RING, RING! – meu celular começou a tocar. No mesmo momento, os celulares de Bred, Mi e Lucas, tocaram também. Atendemos todos juntos e aguardamos na linha por alguns instantes. O silêncio do outro lado era inquietante, ouvia-se somente o balanço das árvores e o vento assoviando.

-Pessoal, vocês têm de sair desse lugar o mais rápido possível, – era a voz do Fill. – A escuridão me tocou. O frio chega a queimar, lamento não estar aí com vocês, diga a Melissa que eu não pude sair com ela, mas que eu a amo muito. – O silêncio perdurou um pouco mais, até sair uma voz gritante do outro lado. –NÃO TENHAM MEDO, CRIANÇAS. –“Essa voz não é do Fill”, pensei comigo mesmo e ela

continuou. - MAIS CEDO OU MAIS TARDE, VOCÊS VOLTARÃO PARA ME VISITAR!

-A ligação caiu. Naturalmente e por coincidência, olhamos para cima, à copa da árvore, em sincronia. Fill ainda estava lá, e o vento fazia a corda ranger e seu corpo frio balançar no ar. Vi algo despencar lá de cima. Pensei que fosse algum galho seco ou casca de árvore.

-BLAFT – fez o barulho do celular de Phillip caindo no chão e espatifando-se entre as folhas secas. Corremos para a camionete e ficamos sentados lá por alguns instantes.

– Isto não pode estar acontecendo, –disse Lucas. Mi estava chorando e Bred permanecia sentado no banco do motorista, batendo as mãos no volante e fazendo de tudo para não chorar. Bred virou o rosto na minha direção. – O que vamos fazer agora? – perguntou ele. Fiquei sem resposta. O que poderíamos fazer. Como contar para os outros que isso estava acontecendo. Ninguém acreditaria!

-Ligaremos para a polícia! –disse Lucas lá de trás, protegendo Mi em seus braços.

-Ninguém vai acreditar nisso, - falou o grandão.

-BLAFT! –Um corvo negro, igual àquele dos meus sonhos, bateu com tudo no veículo. Olhei bem para a ave e percebi que esse não tinha os olhos vermelhos. Ele se debatia em cima do vidro da frente da camionete. Bred ligou o limpador, fazendo com que o pássaro fosse jogado para fora, caindo na estrada. Vários deles começaram a nos rodear. De longe, avistávamos mais pássaros, vindo para se juntar ao círculo. Três deles se lançaram em direção ao carro. Um deles bateu com tudo no meu braço, fazendo o sangue escorrer. – Fechem os vidros! – falei. Os corvos negros batiam no vidro com tremenda força, que parte dele começou a trincar bem na altura dos meus olhos. Não se via nada lá fora, somente a nuvem de pássaros negros. O sangue deles era de um vermelho escuro, grosso como mel. Ele escorria pela parte de fora do veículo deixando a camionete banhada com ele.

-Dá partida! –gritei para o grandão. – É pra já! –falou ele com as mãos tremendo, tentando colocar a chave na ignição. A camionete não queria pegar, ele tentou pelo menos umas dez vezes, enquanto os corvos se amontoavam mortos em volta de nós.

-Pegou! –afirmou o grandão. Não consegui nem ouvir o barulho do motor a diesel. Não consegui ouvir nem mesmo os meus pensamentos, aquele barulho frenético e irritante parecia que iria me deixar louco. Bred engatou primeira e saiu arrancado da floresta. Ligou o limpador na tentativa de tirar todo aquele sangue do vidro, mas o borrão vermelho embaçava cada vez mais. Avistamos a entrada da estrada de terra para a pista principal. Quando entramos na avenida, um carro bateu com tudo na camionete. Vi Bred bater a cabeça antes de desmaiar.

O HOSPITAL



"Agora já é tarde demais, ela encontrou vocês. Na luz ou na escuridão, vocês não nunca estarão seguros."

A cordei dentro do carro e vi uma fumaça branca sair do motor. Minha cabeça doía e minha perna estava prensada pelas fibras do painel do veículo.

Bred sangrava na cabeça e estava desmaiado ao meu lado. Mi inconsciente no banco de trás, coberta por cacos de vidros. Olhei por todo o canto, mas não conseguia ver o Lucas. Consegui livrar minha perna e dar um pontapé na porta, fazendo-a ceder e cair no meio da rodovia.

Saí da camionete e vi o motorista do outro carro debruçado sobre o capô. Ele tinha atravessado o vidro da frente do GM azul marinho. Nenhum carro passava. Olhei para o meu celular e, para variar, aquela porcaria estava novamente sem sinal.

-Ai, meu Deus. Me ajuda! – ouvi Mi gritar dentro da camionete.

-Calma, estou indo! – falei.

Vi alguma coisa se mexendo lá perto da estrada e fui conferir. Era o Lucas. Seu corpo estava coberto de terra e sangue. Ele atravessou o vidro e estava se debatendo ali no chão frio. – Calma, vamos ajudá-lo, – falei. Ele tentava dizer alguma coisa, mas sua garganta foi perfurada pelo vidro e o sangue jorrava sem parar. Lucas morreu em minhas mãos.

Eu nunca vou esquecer aquela cena. Mi gritando, ferida no banco de trás, Bred desmaiado debruçado em cima do volante e Lucas morto em meus braços. Estava assustado demais para chorar, as lágrimas secaram. Vejo um corvo em cima de um toco de árvore fazendo aquele barulho infernal, olhando para mim. Seus olhos eram vermelhos iguais aos do meu sonho. Nas sombras das árvores, um pouco mais distante, vejo a mulher vestida de branco. O seu sorriso cínico completava sua cara deformada. Acho que fiquei ali por um bom tempo a observando e ela fazendo o mesmo com todos nós. Alguém me pega por trás e me deita em uma maca. Era da emergência. Em poucos minutos, eu estava totalmente imóvel a caminho do hospital. Deram-me algo para dormir e assim aconteceu.

Eu tinha voltado para a casa do lago. Não consegui ver quase nada. Minha irmã estava sentada no banco de madeira, debaixo da árvore de cabeça baixa. Caminhei até ela. –Alice! –falei sentando ao seu lado.

Ela olhou para mim com aquele rosto gentil e bondoso. – E aí, mano! –falou.

O que está acontecendo aqui? –perguntei.

-Agora já é tarde demais, ela encontrou vocês. Na luz ou na escuridão, vocês não nunca estarão seguros.

-Quem é ela? Como fazemos para detê-la? –perguntei.

-Ela já foi uma de nós, mas agora o mal a dominou. Sua alma foi dilacerada, ela não é mais humana e tampouco um espírito.

-Não sei o que fazer! –falei para ela quase chorando.

-Tomy! –disse Alice. A escuridão tomou conta dos meus sonhos e o seu rosto foi se apagando diante de mim.

Acordei assustado na cama do hospital de SidView. Minha mãe estava ao meu lado e percebeu quando eu acordei.

-Meu filho, ainda bem que você acordou, –disse ela, me abraçando e chorando.

Não consegui pensar em mais nada. Aquele sonho com Alice estava cutucando dentro da minha cabeça. Tomy Holden. Esse nome me lembra de várias coisas, lembranças que eu gostaria de esquecer.

Tomy morava na casa do lago junto com o seu pai. Eles eram forasteiros, tinham chegado há pouco tempo na cidade. Alice e ele eram muito próximos, eles não ficaram juntos por muito tempo devido ao acidente que ocorreu. Eu e meus amigos pegávamos no pé dele, mas isso já faz muito tempo. Depois que Alice morreu, eles foram embora e eu nunca mais os vi.

-Filho? Christian? Você está me ouvindo? – perguntou minha mãe.

-Sim, mãe, – respondi.

-O que aconteceu com vocês? –Acharam Phillip morto, enforcado na copa de uma árvore perto de onde aconteceu o acidente.

-Ainda estou tentando entender, – respondi.

-A polícia acha que ele se suicidou! – continuou ela. – Os pais dele estão em choque, eu nem sei o que dizer! –Ela me abraçou com força. Meu corpo estava todo dolorido e minha cabeça ainda estava doendo.

- Onde a Mi e o Bred estão? – perguntei.

Ela olhou para trás e fez um sinal com a cabeça. Ajeitei-me na cama e vi os dois deitados, pareados, um ao lado do outro. Bred estava com a cabeça enfaixada e Mi dormia profundamente naquele leito.

Minha mãe não me deixou sozinho nem por um instante. Olhei para o relógio da parede e vi que marcava 2:13 AM. Estávamos no 3º andar, quarto 53. Dava para saber devido ao numero fincado na porta meio aberta do quarto coletivo. Ouvi alguém chorar, parecia

uma criança. Olhei para o lado e vi minha mãe dormindo, sentada na poltrona para acompanhantes. Não via ninguém com os meus amigos. Eles não moravam na cidade e, provavelmente, seus pais ainda não tinham chegado.

Levantei e caminhei até a porta. O choro ficava cada vez mais forte. O corredor do hospital estava parcialmente escuro, mas algumas luzes acesas, puladas, davam um acabamento assustador ao local. Saí do quarto e caminhei na direção do barulho. Passava pelos quartos 49, 45, 44, até chegar no 43. O barulho estava vindo daquele lugar. O quarto estava escuro, mas uma luz brilhava lá dentro. Pensei que fosse algum aparelho médico de batimentos cardíacos, ou sei lá o que. Abri a porta e o silêncio foi cortado pelo rangido dela abrindo. O quarto era fundo, enorme e parecia estar vazio a não ser por uma criança de uns 7 a 10 anos que estava perto da janela. O vento trazia as longas cortinas brancas até perto da cama mais próxima da persiana. Entrei lá dentro, e quando ela percebeu minha presença, parou de chorar.

-Quem é você? –perguntou o menino.

-Eu me chamo Christian, –respondi caminhando em sua direção.

Ele subiu na janela e se virou para mim. Seu rosto estava branco e seus olhos completamente negros. Havia fumaça no local, comecei a tossir e vi que o quarto inteiro estava pegando fogo. Tentei chegar próximo do garoto, mas o quarto estava desmoronando em cima de nós.

-Christian! –disse o menino. –Ela está a sua procura! -O garoto se jogou de braços abertos, caindo lá embaixo, no térreo do hospital. Saí patinando do quarto e quando cheguei novamente no corredor, trombei com uma enfermeira. –Desculpe! - falei.

-Não foi nada! –continuou a moça. –Qual é o seu quarto?

-53! –disse. Ela estava usando o uniforme do hospital e um jaleco branco. Fui caminhando na sua frente, até que eu ouvi:

-Ela está a sua procura, Christian! – Congelei no mesmo instante e olhei para trás, esperando pelo pior, mas ela tinha simplesmente

havia desaparecido.

-O que está acontecendo aqui! –gritei alto. As poucas luzes que ainda funcionavam, ficaram instáveis. Os piques de luz faziam com que o gerador do hospital começasse a funcionar. De quase todos os quartos daquele imenso corredor, começaram a sair pessoas, eu já sabia que elas estavam mortas. Não sei por que, mas eu estava conseguindo vê-los, todos eles. Passei no meio desse corredor da morte, as cabeças de todos os espíritos acompanhavam meus passos e, por um instante, eu comecei a não ligar para aquilo. Cheguei até o meu quarto e vi meus amigos ainda dormindo e tentei acompanhá-los.

PADRE MOR



"Existem coisas no mundo de que não temos conhecimento, a morte pode até ser atrasada, mas nunca evitada."

Não consegui pegar no sono e fiquei acordado a noite inteira. Vi quando minha mãe se levantou assustada. –Christian! –gritou ela.

-Estou aqui, mãe! –falei.

-Dormiu bem, meu filho? –disse ela se aproximando da cama e acariciando meus cabelos.

-Não muito! –falei, sentando na cama. – Mãe, eu preciso ir à igreja!

-Isso é uma coisa muito boa! –disse ela, com um sorriso forçado no rosto.

-Vejo que está melhor! –falou um médico que botou a cabeça para dentro do quarto. Ele usava roupas brancas e tinha uma prancheta. Quando ele se aproximou, eu consegui ver o meu nome escrito nela.

-Você teve muita sorte, Christian! Os ferimentos foram superficiais e vejo que você se recuperou bem, –disse o médico, medindo minha pressão arterial.

-E quando eu vou sair daqui! –perguntei.

-Hoje mesmo! Você está bem! Vou deixar tudo comunicado com a recepção.

-Olhei para Bred e Mi. –E eles? –perguntei.

Ele folheou os papéis e logo disse: – eles não tiveram a mesma sorte. Seu amigo ali, o grandão, ele teve algumas costelas quebradas e um pedaço de vidro perfurou o seu crânio. Fizemos uma cirurgia recente, e ele terá de ficar em observação. –Minha mãe arregalou os dois olhos e o médico continuou. –Já a garota teve um pouco mais de sorte, seu braço direito está fraturado em dois lugares, mas tem alguma coisa estranha. Percebemos alguns cortes em sua barriga, é pouco provável que o acidente fez isso.

Foi o fantasma que queria nos matar, doutor! - pensei comigo mesmo.

Em pouco tempo eu já estava trocado e pronto para ir embora. Meus amigos ainda estavam sob o efeito dos fortes remédios e continuavam a dormir. Caminhamos pelo corredor e passamos em frente do quarto 43. Lembrei-me da cena do menino se jogando pela janela. Descemos o elevador e seguimos até a recepção. Na entrada do hospital tinha um memorial com uma estátua de bronze. Cheguei mais perto para conferir e vi o garoto de ontem à noite esculpido, exposto no centro da sala principal. Embaixo do memorial estava escrito:

"Norton Quinter Alonyse; Sua memória estará sempre em nossos corações e sua bondade e inocência serão lembradas por todos."

- O que aconteceu com ele? – perguntei à recepcionista. Ela tirou seus óculos e começou a falar: - Esse é Norton, filho único do fundador do hospital. Ele gostava de vir ao hospital ver o seu pai trabalhar. Só que, uma noite, houve um problema com as instalações elétricas, parte do 3º andar do hospital pegou fogo. Não sei por que motivo ele estava lá, mas as chamas o alcançaram. A sua única saída foi se jogar. Mas isso não evitou a sua morte.

Existem coisas no mundo de que não temos conhecimento, a morte pode até ser atrasada, mas nunca evitada – disse ela, olhando para os meus olhos. Todos os que estavam ouvindo ficaram chocados com a história.

-Quanta tragédia! – sussurrou minha mãe.

Não demorou muito para chegarmos à igreja. Via-se que a sua estrutura era muito antiga. A cruz, no alto da torre do relógio, se sobressaía atrás do sol da manhã. A praça, onde ela estava localizada, complementava a sua beleza. Havia dois anjos, fincados na entrada da igreja, com lanças pontiagudas em suas mãos, feitas de cimento.

O local estava muito quieto, grande, e não havia quase ninguém lá dentro. Minha mãe viu a mãe do Fill sentada em um banco, chorando com uma foto do seu filho nas mãos.

-Vou falar com ela, - disse, caminhando até a mulher em prantos. Balancei a cabeça e me dirigi até ao final da igreja, subi as escadas e vi uma porta de madeira quase fechada. Caminhei até ela e a abri. Fui saudado com um jato de água benta, quase tomei um banho.

-O que foi isso? – perguntei ao velho padre.

-Água benta! – continuou ele, – você está limpo!

Ele usava uma batina marrom escuro, barba branca não muito grande e permanecia com as costas envergadas a maior parte do tempo. O padre fechou a porta atrás de mim e perguntou: – o que você quer aqui?

-Padre Mor, sou eu, Christian! – falei

Ele ficou um pouco pensativo. –Meu avô...

–Jack Queen! –disse ele me interrompendo.

Sua cara fechada recebeu outro ar. Ele riu baixo... E permaneceu com o sorriso no rosto, parecendo lembrar-se de algo, alguma coisa do passado que o fazia sentir muito bem.

-Vocês eram muito próximos, não é mesmo? – falei.

Ele caminhou até mim e me abraçou. - Você se parece demais com o "J".

-Fiquei sem reação e a única coisa que eu fiz foi abrir o sorriso. Ele rodeou a sua mesa e mostrou uma cadeira vazia para mim. – Sente-se, - disse o velho.

-Me diga! O que eu posso fazer pelo neto do meu amigo J?

Não sei se o senhor vai acreditar, mas coisas realmente estranhas estão acontecendo.

-Tente! Eu sou a pessoa mais mente aberta que você já conheceu em toda a sua vida, – disse ele encostando os braços em cima da mesa e fixando a visão em mim.

PÉ NA ESTRADA



"... A porta do quarto 53 permanecia totalmente aberta e, a cada passo de dávamos em sua direção, o frio aumentava..."

Contei toda a história para o senhor Mor, menos a parte dos sonhos com Alice. O estranho foi que ele concordava com tudo que eu falava. E, por incrível que pareça, ele não ficou surpreso, muito menos duvidou de mim. A preocupação ficou estampada em sua cara. Sua respiração ficou ofegante e ele não conseguiu controlar a sua ansiedade. Vi quando ele quebrou a ponta de um lápis do nada.

-Quem te ensinou a respeito do sal? Seu avô?

-Foi sim!

-O que mais ele te ensinou?

-Mais nada que eu me lembre!

Ele permaneceu em silêncio e pensativo por alguns instantes. – Temos um longo trabalho pela frente, - disse ele.

O padre conversou com a minha mãe por alguns minutos e se voltou para minha direção.

-Vamos! Disse para sua mãe que vamos juntos ao hospital, ver seus amigos.

-Saímos da igreja e entramos no seu Chevrolet preto, ano 76. Aquele carro era massa! Tinha detalhes cromados no para-choque, rodas e um motor de 298 cavalos, v8.

Não disse nada, fiquei apenas admirando o carro até minha imaginação ser interrompida pelo Sr. Mor. –Você sabe que aquele espírito poderia ter matado vocês todos? Não sabe?

Nesse momento, me veio a imagem de Fill pendurado, enforcado na copa daquela árvore. Fiz sinal de positivo com a cabeça.

-Tem algo muito estranho naquela casa!

-O problema não é a casa! –falou Mor. Não demorou muito para chegarmos ao hospital. Nós descemos e o padre foi direto para o porta-malas, pegou algumas tranqueiras que lá estavam e seguimos para a recepção.

- Qual é o nome deles? –perguntou para mim. Olhei para a atendente e falei: - Bred Wilson e Milly Greveen!

-A moça digitou seus nomes no computador e entregou dois papéis para mim.

"Milly Greveen – andar 3 – quarto n° 53 – alta com acompanhamento médico."

"Bred Wilson – andar 3 –quarto n°53 – alta com observação."

Agradecemos e subimos as escadas do velho hospital. Quando chegamos ao 3º andar o ar começou a ficar pesado e frio, as luzes industriais, gigantes, piscavam o tempo todo. Passei em frente ao quarto 43. A porta estava um pouco aberta e tentei espiar. Consegui ver o menino de ontem à noite sentado na cama de costas para mim. O padre fechou a porta lentamente. –Nós dois sabemos como isso vai terminar! –disse ele, mostrando-me o caminho a seguir.

-Como você sabe? –perguntei.

-Muitos anos vindo a este hospital. Nós vemos o que as outras pessoas somente imaginam, meu amigo.

A porta do quarto 53 permanecia totalmente aberta e, a cada passo que dávamos em sua direção, o frio aumentava.

Aquela sensação estranha tomou conta de mim. Entramos e permanecemos em silêncio. Aquela coisa, o fantasma da casa do lago estava em cima da Mi novamente. Bred não estava ali, porém tinha uma mala em cima de sua cama. O vento, que vinha da janela, balançava a cortina branca, fazendo-a chegar próximo à cama onde Mi estava.

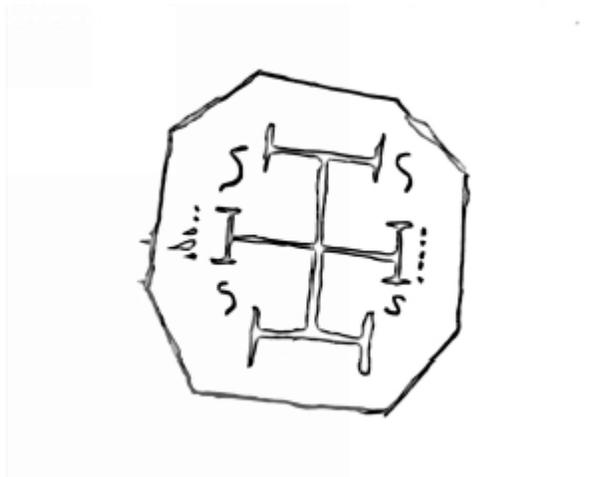
- Fique quieto! – disse Mor.

O que você quer com a garota? – disse ele com uma das mãos atrás das costas. Um zumbido tomou conta do quarto e a mulher olhou para ele. – Eu quero todos eles! – disse o fantasma, com tanta fúria que alguns vidros de medicamentos que estavam atrás de nós, se espatifaram na prateleira. Mi tinha arrancado a agulha do seu soro e a enfiou em seu peito com toda a força que tinha. Nesse instante, o padre jogou água benta no fantasma que desapareceu, como das outras vezes. Parecia ter jogado sal na criatura.

-Chame a enfermeira! – disse Mor.

Apertei o botão vermelho que ficava em cima da cama, e não demorou muito para o socorro chegar.

DE VOLTA À CASA DO LAGO



"... – O quarto do meio... O colar... O diário... CUIDADO! - o fantasma de Tomy sumiu, e eu fiquei sem entender nada..."

O padre pegou um pote de sal na sua sacola de tranqueiras e fez um trio de sal na janela e em volta da cama onde Mi estava.

-Ela vai ficar bem? –perguntei à enfermeira, enquanto ela verificava a ferida e checava os aparelhos. –Ainda bem que vocês chegaram a tempo! Ela não deve estar muito boa da cabeça para fazer isso! –falou a enfermeira saindo do quarto.

O que é que seja, aquele espírito não está atrás da casa, mas sim de vocês! –disse ele examinando os cortes na barriga de Mi. Ele tirou dois colares do seu bolso, com um símbolo que eu nunca tinha visto antes e o colocou no pescoço dela.

-Este é para você! –disse Mor entregando o outro para mim.

-Com isso, eles não poderão chegar perto de vocês!

-E aí, Chris! – disse Bred, entrando pela porta.

-Quem é ele? – perguntou Mor.

-Esse é o Bred! Ele está dentro deste pesadelo também. – Está tudo bem com você? – perguntei.

-Um pouco quebrado pela batida! –disse ele olhando para Mi. –Ela já sabe sobre o Lucas? –perguntou o grandão.

-Creio que não! –falei

-Preciso que você compre algumas coisas para mim. –disse Mor, olhando para mim e continuou. -hoje iremos todos à casa do lago!

-Como assim? –perguntou Bred.

-Esse fantasma está ligado diretamente a todos vocês, e ela não vai sossegar até destruir todos que tiveram algum tipo de contato com ele. E, para um espírito sair de seu local de origem e aparecer aqui no hospital em plena luz do dia, a coisa tá complicada! Ela não parece ser como os outros espíritos, está muito forte! – disse o padre Mor, pensativo.

Ele anotou algumas coisas em um pedaço de papel e disse:

-Eu ficarei aqui para cuidar da garota! Vou dar um jeito de levá-la até a igreja. Encontro vocês lá em uma hora. –Ele estendeu sua mão entregando-me as chaves do carro. Bred Foi comigo, ele estava mancando e a sua cabeça parecia doer.

Saímos do hospital, pegamos o Chevrolet e fomos direto à mercearia do Sr. Olie. O barulho do seu motor cortava parcialmente o silêncio da cidade. Não demorou muito para chegar. Pegamos todo o sal que tinha na prateleira, corda, velas, fósforo, e tudo que tinha na lista. E, para completar, compramos muitas porcarias como, salgadinho, biscoitos, chocolates, etc. Bred estava terminando de procurar alguns doces quando eu me lembrei de comprar uma lanterna. Segui para a secção de ferramentas... Vi um garoto virado de costas para mim. Algo não estava certo, tinha alguma coisa de estranho com ele. Eu já tinha visto aquelas roupas antes, seus cabelos eram castanhos, e ele usava um sapato marrom.

É o Tomy! Pensei comigo mesmo.

Tomy era o namorado da minha irmã, e achamos que ele a matou. Quando Alice foi encontrada, ele estava ao seu lado. Aquela lembrança me deu um aperto no coração, fiquei parado, sem reação, enquanto minha alma se enchia de ódio. O estranho era que ele estava do mesmo jeito, igual há 10 anos. Eu não queria acreditar, mas já sabia que ele não estava mais vivo.

-O que você quer aqui? –perguntei com a boca explodindo de raiva.

O garoto se virou e, nesse momento, eu vi sua face. Seu rosto estava com muitos hematomas, feridas e cortes não muito profundos, tinha uma marca em seu pescoço que chegava a dar aflição só de olhar. Algo tinha apertado sua garganta com tamanha força que as marcas permaneciam fortemente estampadas e para completar os seus braços estavam cortados e gotas de sangue pingavam lentamente pelo chão. – O quarto do meio... O colar... O diário... CUIDADO! –o fantasma de Tomy sumiu, e eu fiquei sem entender nada.

Já faz muito tempo que minha irmã morreu, que eu não lembro direito. Tinha muita gente na casa do lago. Eu não gostava muito dele, mas ele parecia ser uma boa pessoa. Ele e minha irmã se davam bem, na verdade, parecia que realmente se amavam.

-Por que ele fez isso? Até hoje eu me perguntava. Eu pensei que ele tinha fugido há muito tempo, mas creio que ele morreu naquele mesmo dia. Suas roupas, cabelo, até os sapatos molhados pela metade com a água do lago. Estava tudo igual às lembranças que eu tinha daquele dia amaldiçoado.

-Chris, Chris, vamos cara. Temos que ir! –falou Bred, me chacoalhando. Não me lembro do que falei para o grandão, só lembro ter pegando a lanterna e caminhando até o caixa.

-O que aconteceu com você? Por que estava parado ali? – perguntou ele.

-Estava sonhando acordado, – respondi.

-Infelizmente, temos de enfrentar um pesadelo!

Mãe chamando! –apareceu no visor do meu celular.

-Oi, mãe!

-Onde você está, Christian?

-Estou aqui na mercearia do Sr. Olie.

-Daqui a pouco será o enterro do Phillip. A mãe dele está aqui comigo, não demore está bem?

-Não me espere mãe, pois eu vou à igreja encontrar o padre Mor.

-Tenha juízo! Eu te amo, –disse ela.

-Eu também! –desliguei o telefone. Como eu vou falar para ela o que está acontecendo? Ela iria pirar. *Phillip que me desculpe, mas não poderei ir ao seu enterro. Estamos em apuros e se não fizermos nada, logo estaremos sendo enterrados também.*

Chegamos rápido à igreja. O padre Mor já estava lá, e Mi também o acompanhava.

-Ela permaneceu sentada no penúltimo banco da igreja. Sentei ao seu lado. –Tudo bem com você?

-Vou sobreviver! – falou ela, chorando e me abraçando.

-Lucas morreu, Chris! Meu namorado morreu! Os prantos dela molhavam minha camiseta. Recolhi-a em meus braços e permaneci ali por alguns minutos. Olhei em seus olhos e falei: –Você precisa ser forte! Nós precisamos ficar firmes e acabar com aquela coisa!

Ela concordava com a cabeça e olhava fixamente para os meus olhos. Sei que parece estranho, mas sua boca estava bem próxima da minha. Estávamos em uma igreja, fantasmas estavam nos caçando e sua boca se aproximava cada vez mais. Seus lábios molhados, vermelhos tocaram levemente os meus e, naquele banco, demos o nosso primeiro beijo.

Acho que nem eu, nem ela esperávamos por isso. Mas, o destino tem um jeito engraçado de ferrar com a nossa vida a todo o momento, nós só queríamos aproveitar aquele curto prazo de tempo.

Ela sorriu de canto de boca e virou o rosto para mim quando nossos lábios se distanciaram. Avistamos, Bred e o padre saindo detrás do altar e se voltando para nossa direção.

-Vamos para a casa do lago, temos um maldito espírito para destruir.

Estávamos todos a caminho das portas do inferno, O padre Mor dirigindo, Bred ao seu lado, e Mi abraçada comigo no banco de trás. Por algum instante, eu gostaria apenas que aquele momento congelasse. Mas, como eu disse, o destino tem um jeito engraçado de ferrar com a nossa vida.

CONTINUA...

MARCIO ARDENGHE D. PERES

A
Garota do Lago
LIVRO 3

LENDAS URBANAS

A
Garota do Lago



A Garota do Lago

Livro 3

"Para minha surpresa, a estrada de terra, a nossa frente, estava coberta de sangue, e o pneu do carro jogava respingos daquele líquido vermelho escuro no vidro e na lataria do Chevrolet..."

"A Garota do Lago Livro 3"

A Garota do Lago Livro 3

1ª Edição

Novembro de 2015

ARDENGHE D. Peres, Marcio

Título original, A Garota do lago Livro 3

Revisão: Roque Aloisio Weschenfelder

- Serie Lendas Urbanas-

Todos os direitos reservados.

*É proibida a reprodução deste livro e de seu conteúdo com fins comerciais sem a prévia
autorização do autor e da editora*

Obrigado Jéssica e Nayara.

Olha eu aqui novamente...

Você chegou à terceira parte da história e eu estou surpreso pela sua coragem. É complicado dizer, mas eu sinto que esta história nunca terá um fim. Minha vida está, a todo o momento, por um fio. Você sabia que eu e Phillip éramos amigos desde dos 8 anos de idade? Brincávamos bastante naquela época e aprontávamos até nos dias de hoje. É uma pena, mas ele morreu!

Lucas Morreu!

Alice Morreu!

Tomy Morreu!

Mas, tem uma coisa que me deixa aliviado e, ao mesmo tempo, preocupado. Eles não quiseram se calar!

Eu não prometo um final feliz para a história, mas, como das outras vezes, te desejo muita sorte. E, tomara que os mortos não te assustem...

ACONTECEU NO LIVRO 2

"Na sua idade eu nunca pensava sobre a morte. Quando alguém morria, de alguma maneira, eu não imaginava um adeus e, de um tempo para cá, eu descobri que esse adeus não existe".

Até agora eu não entendo por que isso está acontecendo. Fill, meu melhor amigo, está morto. Gostaria de parar de ver essas coisas, voltar a minha velha e boa vida de encrencas do mundo normal, mas a cada canto que eu olho, eles estão lá. De alguma maneira, eu consigo ver todos esses fantasmas, espíritos, assombrações, não sei como chamá-los, mas eu vejo como eles realmente morreram. Tomy queria me dizer algo com aquelas palavras confusas. Não entendi muito bem, mas tem alguma coisa que não está se encaixando nessa história toda. Agora estamos caminhando novamente para a casa do lago. Padre Mor dirigindo. Bred ao seu lado sem dizer uma única palavra, eu e Mi no banco de trás.

Ela ainda estava ferida, não só o seu corpo, mas imagine. Seu namorado morto. Isso é complicado. Ela se ajeitou em meus braços e permanecia tão serena e confortável, que nem parecia que estávamos indo para a boca do leão.

Penso muito na minha irmã, acho que ela também pensa bastante em mim, digo, aqueles sonhos que tenho com ela estão muito próximos da realidade que estamos vivendo no momento. Nunca pensei que eu acreditaria em fantasmas, assombrações e vida após a morte, essas coisas eram uma tremenda besteira para mim. A gente só começa a acreditar quando um deles nos toca de alguma maneira. Meu avô precisava estar aqui! Lembro que ele me disse, uma vez, enquanto eu jogava vídeo game: "Na sua idade eu nunca pensava sobre a morte. Quando alguém morria, de alguma maneira, eu não imaginava um adeus, e de um tempo para cá, eu descobri que esse adeus não existe".

Eu não entendi exatamente, na época, o que ele queira dizer com essas palavras, só queria acabar a minha fase do Mortal Kombat e assistir uns filmes na TV, mas, agora, tudo faz um pouco mais de sentido. Eu tenho certeza que ele via essas coisas também. E, a maior parte do seu tempo, certamente, foi voltada para estudar esse mundo. Eu deveria ter passado mais tempo com ele, mais tempo com Alice e Fill. Agora, o que me resta é tentar consertar esta bagunça.

DE VOLTA AO PASSADO



Quando entramos na estrada de terra, vi a bagunça deixada pelo acidente de que, infelizmente, participamos, ontem de manhã.

– Não pode ser! – falei para mim mesmo. O guincho tinha levado os carros destruídos para a cidade, mas o chão brilhava com todos aqueles pedaços de vidros espalhados pela rodovia e encobertos pela areia da estrada de terra. Ao lado da pista, vi alguma coisa, ou melhor, alguém sentado na beira do asfalto. Era o Lucas, todo ferido, ensanguentado e com a garganta em carne viva, igual quando ele estava morrendo em meus braços.

Quando passamos perto, ele olhou para nossa direção, deu um sorriso e assentiu com a cabeça. *Nenhum deles viu o Lucas ali*, pensei, até que Mor desfez o silêncio.

– A jornada do seu amigo terminou aqui, mas a nossa precisa continuar – disse ele. Depois disso, não ouvi mais nenhuma palavra sair de sua boca. Da janela, via as nuvens voando lentamente, guiadas pela força do vento. Pássaros de todos os tipos voavam na direção contrária a nossa. Vi alguns animais fazendo o mesmo. Vi que o Padre Mor prestava atenção nos pássaros lá fora.

– Para onde eles estão indo? – perguntei.

Ele demorou um pouco para se pronunciar, mas suas palavras saíram no mesmo instante que ele olhou para trás: – Para qualquer lugar que não seja este!

Após algumas curvas, chegamos à entrada da propriedade. Mi acordava naquele momento e suas mãos limpavam os cantos dos olhos, ao mesmo tempo em que tentava bloquear o sol.

– Chegamos! – falei, acariciando seus cabelos. Ela levantou e sentou-se no banco do carro procurando algo pela janela. Mi abriu a porta do carro e saiu na direção do lago.

– Aonde você está indo? – perguntei.

– Deixe ela! – falou o Padre.

Ela passou correndo pela beira do lago e foi direto para o plátano. Sua sombra encobria boa parte do lago e suas raízes serviam de apoio para o banco de madeira, que lá existia. Me lembro bem daquele banco às margens do lago. Quando eles descobriram que minha irmã tinha morrido, fiquei sentado nele por horas, pensando no que tinha ocorrido, esperando alguém vir me buscar, já que minha mãe tinha passado mal e fora levada desmaiada para o hospital.

Sebastian, o pai de Tomy, foi o único que se atreveu a falar comigo. Eu não consegui falar nem escutar nada do que ele me disse, só fiquei imóvel, olhando fixamente para uma lasca de madeira que faltava naquele banco.

Saí correndo atrás de Mi, e ela rodeava aquela árvore como se estivesse procurando algo, alguma coisa muito importante para ela.

– Posso te ajudar? – perguntei.

– Aqui! – disse ela.

Ela apontava para uma marca na árvore, localizada a um metro e meio acima do chão. Vi um sinal judiado pelo tempo, mas sua escrita ainda estava legível. *Alice e Tomy* estavam dentro de um coração, fincados na madeira.

- Não sei o porquê, mas Alice me mandou te mostrar isto!
- Foi um sonho? – perguntou o Sr. Mor, aproximando-se da gente. Ela assentiu com a cabeça, e ele continuou:
- O jeito mais fácil de comunicar-se com os mortos é através dos sonhos. Lá a camada que separa os nossos mundos está fina, o véu pode ser levantado. Mas, cuidado, nunca os deixe tomarem controle da situação.
- Ela te disse algo mais, garota?
- Não!

Mor examinou as gravuras na árvore e disse: – De alguma maneira, sua irmã e esse Tomy estão ligados, agora o que eu não entendo é onde essa assombração se encaixa nessa história toda.

Já passava das duas horas da tarde e a noite se aproximava cada vez mais. Entramos precavidos dentro da casa, levando vários potes de sal e vidros de água benta. Mor foi na frente, Bred e Mi atrás dele e eu por último. Não vimos nada de estranho. Xeretamos completamente o andar de baixo, exceto o porão.

Ajudamos a descarregar todas as bugigangas do Padre Mor, os pacotes de sal que compramos na mercearia e algumas outras tranqueiras, que estavam dentro das caixas, no porta-malas do Chevrolet preto.

Quando estávamos quase acabando de descer todas as caixas, vi, de longe, um carro marrom apontando na estrada. Chamei a atenção dos outros, que vieram ver o que se passava.

Era um opala diplomata de cor marrom, para-choque e rodas cromadas e estava praticamente impecável, a não ser pelo enorme arranhão feito em sua lataria. Era um risco que pegava da lanterna dianteira e se estendia até a roda de trás, chegou a comer até a lata do velho opala.

Desceu um senhor, magro, de cabelos grisalhos, pele branca e olhos castanhos escuros. Usava calças jeans, camisa branca e um agasalho fino, feito de algodão, totalmente aberto.

– Olá! – disse o homem.

– Olá! – respondi. – Quem é vo... – Minha frase foi interrompida pelo Bred.

– Olá, Sebastian! Até esqueci que você vinha hoje! –falou.

Sebastian, não pode ser! Esse é o pai do Tomy. Um pouco mais velho, mas é ele mesmo.

– Aconteceram algumas coisas que eu realmente não esperava! – falou o grandão.

Sebastian olhava para o risco feito em seu carro, e disse: – Eu também tenho algumas histórias para contar... A janela do carro estava aberta e, nesse momento, um cachorro de cor escura pulou no chão e sentou ao seu lado. Era um pastor alemão gigante que devia pesar pra lá de 30 quilos, suas orelhas eram pontudas e seu pelo formava um marrom escuro, quase puxando para o preto e se estendia por todo o seu corpo.

– Vamos entrar! Não é o lugar mais seguro do mundo, mas é o que temos – falou Bred, mostrando a entrada.

Entramos na casa e sentamos no sofá.

– Quem é ele? – perguntou Mor.

– Este é o antigo dono da casa! Veio para me entregar a escritura.

O padre ficou um pouco pensativo e falou:

– O que aconteceu com o seu carro senhor...?

– Prazer, Sebastian é o meu nome!

– Mor, Padre Mor! – disse ele, balançando sua mão.

Sebastian se ajeitou no sofá e colocou a papelada, que segurava, em cima da mesa de centro.

– Este assunto é um pouco complicado, padre, não sei se devo contar. Vocês não acreditariam!

– Tente! – disse Mi, sentando no braço do sofá.

SONHANDO ACORDADO



Percebi que ele estava incomodado com aquilo, mas, mesmo assim, começou a falar:

Estava em minha casa ontem à noite, eu e Lori!

– Quem é Lori? – interrompeu Mi.

Ele olhou para o chão onde o seu cachorro estava estendido a seus pés. – Lori é minha pastor alemão, sempre gostei de pastores alemães! – disse ele acariciando a sua cabeça. – Continuando...

Estava em casa assistindo alguma coisa na TV, foi quando eu recebi a ligação do seu pai, Bred. Ele me disse que você estaria aqui e que era para eu trazer a escritura para ser entregue nas suas mãos.

Nesse momento, Lori não parou mais de latir. Confirmei com o seu pai e desliguei o telefone. Depois de algum tempo, ela se acalmou, fui para a cama e dormi...

A parte mais estranha foi que, no meu sonho, eu vi a *mãe do Tomy*, meu filho:

Ela e Tomy, estavam indo em direção a uma festa; era para eu estar com eles, mas, infelizmente, o meu superior me chamou para cobrir um roubo de uma loja de conveniências de um auto posto. Já estava de Smoking e trajado a rigor. – Ele riu e continuou: – Isabely era

linda, ela usava um vestido branco, sapatos sociais que me custaram uma fortuna e um colar de prata, que ganhara da sua mãe. Tomy parecia um homenzinho. Vestimos ele com as roupas iguais as minhas e colocamos nele um par de sapatos pretos que brilhavam ao reflexo da luz do quarto, onde Isabely acabava de se maquiar.

Tirei o blazer e coloquei o colete à prova de balas, dei um beijo nos dois e disse que logo iríamos nos encontrar. Falei para eles irem na frente que eu os encontraria lá, em breve.

Liguei a sirene do meu Honda preto e saí de encontro ao meu comandante no local informado. O posto ficava em um lugar nobre, as luzes do natal já estavam iluminando a cidade, naquela noite escura, e o céu permanecia limpo, mostrando a lua e uma enorme quantidade de estrelas. Cortei as rodovias e cheguei rápido no tal posto. Estavam todos os meus colegas lá, até mesmo a (PTE), Policia Tática do Estado. Encontrei meu superior e perguntei como estava a situação. Lembro-me de ele balançara cabeça e dizer: – A situação não é das melhores, tem 14 reféns ali dentro e um deles é o Dr. LC, o melhor cirurgião da cidade. Estão em 4 indivíduos, todos com armas de porte militar, mas o surpreendente é que um deles é de menor!

– Ouvimos o som de um tiro vindo de dentro do comércio e começamos a fazer o nosso trabalho. Dividimo-nos em 4 equipes e cercamos totalmente o local. Conseguimos ouvir as ameaças dos assaltantes do lado de fora, e eles estavam dispostos a começar a matar os reféns, caso a polícia permanecesse no local. O comandante teve de fazer o que eles pediram, quando um refém foi rastejando para fora da loja com um tiro na perna, depois um deles acertou uma bala bem no meio de sua cabeça. Subi uma escada que estava do lado de trás e andei pelo telhado, lentamente, levando minha 40 comigo. Algumas entradas de ar permitiram-me ver todos os reféns, sentados e juntos em um canto da loja de conveniência. Os três bandidos maiores de idade ficavam discutindo um com o outro enquanto o menor tomava conta dos reféns. Naquele momento, por azar, meu pé escorregou e uma telha caiu lá de cima, fazendo todos os bandidos olharem para o telhado. Rezei para

acontecer algo, até que vejo um deles apontando um rifle para mim. Pá, Pá, Pá! Atiradores de Elite já estavam posicionados em alguns prédios ao redor, os tiros foram certos e acertaram os três bandidos. O sangue deles respingou pela parede e pelas portas de vidro, deixando eles no chão. Eu tive a oportunidade de atirar naquela criança, mas não o fiz, o menino deveria ter não mais que 13 anos. O garoto saiu desesperado pela porta dos fundos e pegou um carro preto, que pertencia aos seus parceiros mortos. Atirei nos pneus do carro, mas, mesmo assim, ele continuou a cortar a cidade até sumir de vista.

Sempre pense duas vezes, antes de tirar ou não tirar a vida de alguém, você será responsável pelos crimes dessa pessoa. É isso que eu digo a mim mesmo. O nome dele era John, e seu pai é que comandava o assalto. Eu acredito que ele não queria seguir os passos do seu pai, mas não tinha muita escolha. Resumindo para vocês: ele respirou fundo e algumas lágrimas saíram de seus olhos. – O destino colocou Isabely e Tomy no caminho do fugitivo. Ele bateu com o carro em alta velocidade e fez o carro da minha família capotar. Isabely ficou presa nas ferragens e Tomy me contou que ela fez de tudo para salvar a vida dele. O fogo tomou conta de tudo e ele viu uma explosão, antes de desmaiar no meio da avenida. Isabely morreu carbonizada, mas consegui salvar a vida do nosso filho, naquele momento.

– Nossa, que história! – falou Bred.

– Isso não foi uma história, filho. Gostaria que fosse, mas esse foi o motivo para que eu e Tomy viéssemos para SidView.

– E, o que aconteceu com o garoto, o John? Ele também morreu? – perguntei.

– Foi preso! E, em menos de dois anos já estava nas ruas novamente.

– E o Tommy? Nunca mais eu o vi, ele está bem? – perguntou Mi.

– Vocês não souberam o que aconteceu? – perguntou Sebastian.

– Depois que Alice foi encontrada morta, ficamos mais alguns dias na casa do lago. Tomy nunca superou a morte da sua irmã, Christian – disse ele, olhando para mim. – Após duas semanas, fui até a cidade comprar algumas coisas que estavam faltando. Não demorei muito para voltar, em menos de uma hora eu já estava de volta com algumas bugigangas. Não consegui achar o Tomy em lugar algum da casa e saí para procurá-lo nos arredores. – Ele deu uma pausa, ficou olhando para o chão por algum tempo, depois continuou: – Achei-o com os punhos cortados na beira do lago. Eu não sei por que isso aconteceu comigo. Minha família inteira morta. – Ele tomou um tempo para se recuperar, fez carinho nas orelhas pontudas de Lori e disse: – Agora é só eu e ela!

– Ninguém sabia o que dizer. Mi ficou muda até que o silêncio foi cortado pelo padre Mor: – E, o risco no seu carro? A história não falou sobre ele!

– Ah já ia me esquecendo. Depois desse pesadelo, que tenho quase todas as noites, Tomy apareceu para mim. Parecia tão real. Ele estava com os punhos cortados e os olhos escuros, negros como a noite. Me disse: – *Pai, não venha aonde tudo começou! Esse lugar é amaldiçoado.* Atrás dele surgiu uma coisa que eu nunca pensei que veria. Era Isabely, com o rosto todo queimado, colocando a mão em cima de seu ombro direito. – *Venha querido, seremos uma família novamente* – disse ela, desaparecendo da minha vista. Nesse instante, acordei com um barulho ensurdecido vindo da garagem. Peguei um velho facão, que eu usava aqui nessa fazenda, e fui atrás do barulho. Quando eu chego até a garagem, vejo esse arranhão que parece ter comido a lataria e a garagem cheia de água, encharcando todas as ferramentas e fazendo os papéis, que estavam em cima de uma mesa mais baixa, flutuarem por ela. Lori não queria vir, mas eu não podia deixá-la, sabe, ela faz parte da família.

– Do canto esquerdo, do lado oposto à porta da frente da casa, eu vejo alguma coisa querendo aparecer. A cachorra do Sebastian fica com as orelhas de pé e fixa a visão para esse mesmo local.

– *Não pode ser* – pensei alto.

– O que foi? – perguntou Bred.

– Nada, não, só pensei ter visto algo – falei.

Na realidade, eu tinha presenciado alguma coisa. Tomy tentava aparecer para nós, mas não sei por que ele não conseguia. Seu espírito aparecia em flashes, em piques e não se estabilizava. Lori começou a uivar e Mor estava olhando fixamente para o mesmo lugar que eu. Os outros não podiam ver, não sei o porquê, mas somente eu, Mor e a cachorra víamos aquele espírito.

O padre Mor se levantou e disse: – Eu sei o que está acontecendo aqui!

– Eu não entendo – falou Sebastian.

– Sua mulher, Isabely. Foi ela, ela que está assombrando esta casa, assombrando estas pessoas. Algumas pessoas já morreram por causa dela – disse Mor.

– Isso não é possível! – repeliu Sebastian.

– Sua mulher teve uma morte muito violenta e nunca conseguiu se livrar das amarras deste mundo. Depois de algum tempo, os espíritos ficam violentos, eles precisam seguir em frente.

– Vocês realmente acreditam nessa baboseira –disse o Sebastian, se levantando.

Mi aproximou-se dele e levantou parte de sua blusa, deixando à mostra a sua barriga mutilada e as gravações que diziam: “Eles morreram, vocês também irão”. – Meu namorado, Lucas, morreu ontem; Phillip, nosso amigo, foi encontrado enforcado em uma árvore perto da estrada, eu vi ela, ela me fez isso! E, você ainda quer que eu não acredite?

Sebastian se recolheu e sentou-se novamente no sofá. Contamos toda a história para ele. Desde o começo. Ficamos conversando por horas, até que o sol começou a se esconder por detrás da planície.

Padre Mor levantou-se e se dirigiu até as caixas de bugigangas que tínhamos descarregado. Tirou delas dois pacotes de sal grosso com

5 quilos cada, abriu um deles e começou a jogar no chão, rodeando onde nós estávamos.

– O que ele está fazendo? – perguntou Sebastian.

– Já está escurecendo, e logo este círculo será nossa única proteção – falei. Mor rasgou o outro saco de sal e terminou o círculo, fez uma camada grossa dessa vez. Pegou um galão de água benta, disse umas palavras estranhas e nos banhou com aquilo, jogou-a no círculo de proteção e tomou um gole.

– Qual é o plano? – perguntou Bred.

– Não morrer até amanhecer – disse Mor.

– Como vamos parar isso? – perguntou Mi, impaciente.

– Precisamos saber mais sobre esse espírito – continuou Mor. – O único jeito de acabar com eles de vez, é queimando os seus restos mortais, mas como o Sebastian disse, ela foi carbonizada.

– O corpo de Isabely foi cremado! – falou Sebastian.

– Isso mesmo, deve ser alguma coisa que ainda a está prendendo neste mundo. Algo que ainda a faz manter uma ligação com os vivos. Minha ideia é aprisioná-la dentro deste círculo e, com a ajuda do Sebastian, tirar alguma coisa dela, algo que possa nos ajudar a derrotá-la.

O cheiro da dama da noite entrava pela janela e o vento sussurrava e espalhava seu toque pela casa inteira. A noite se aproximou e logo teremos companhia, que pena que ela quer nos matar.

ISABELY



Chega até ser engraçado. Todos nós juntos, dentro dessa casa amaldiçoada. Lá fora, seríamos uma isca fácil, estaríamos sozinhos. Já, aqui, dentro deste círculo, feito com sal grosso e água benta, temos alguma chance. Não é das melhores, mas temos alguma.

Bred não tirava as mãos do lado de sua barriga, acho que as costelas quebradas estavam incomodando o grandão. A Lori começou a latir em direção a porta e o frio aumentava. Nós já estávamos acostumados com aquilo, já sabia que coisa boa não vinha e permanecemos à espreita com as armas que tínhamos. O Padre Mor segurava a água benta, eu e todos os outros carregávamos pacotes de sal nas mãos. A porta da casa abriu, estourando o silêncio e o barulho do vento tomou conta do lugar. Senti um arrepio na espinha, olhei para Mi e a vi esfregando os braços na tentativa de se esquentar.

– *Oi pessoal!* – ouvimos sua voz ecoando por toda a casa. Atrás de todos, surge Alice. Sua pele estava pálida, os cabelos pretos, ainda

molhados, pingavam no chão de madeira, formando uma poça de água até chegar perto do círculo.

Os outros ouviram sua voz, mas somente eu e o padre conseguíamos vê-la.

O Sr. Mor andou até a beira do círculo e se agachou, ficando frente a frente com a minha irmã.

– Já faz tanto tempo, menina. Nunca me esqueci de você.

– Vocês precisam fazê-la parar! – falou Alice, olhando por detrás do padre, direcionando sua visão para mim.

– Como podemos fazer isso? – perguntou ele.

Alice se contorcia e sua imagem não se mantinha nítida. – Tomy, O Diari... – A porta da casa bateu com tudo. Sua Imagem foi totalmente trocada pela mulher fantasma. Aquela coisa apareceu na frente do Padre Mor, fazendo-o levar um pequeno susto. Esperou alguns segundos e disse: – Você não conseguirá o que deseja!

– O fantasma olhou para todos nós, os outros não estavam entendendo nada, e ela continuou: – Eu já consegui. Estão todos aqui! O único jeito de sair desta casa é a morte...

Mor se levantou e o fantasma acompanhava seus passos.

– Por que você não os deixa em paz. Seu filho está com você!

– EU QUERO VINGANÇA! – falou a assombração. Seu grito se espalhou por toda a casa e todos o ouviram.

– O que está acontecendo? – Perguntou Sebastian. Olhei para trás e fiz um sinal para ele ficar quieto.

– Vingança de quê? Quem te feriu? – Perguntou Mor.

– Feriram meu filho! Eu o protegi naquela noite, mas o mataram. Vou me vingar, todos vocês vão morrer.

Consequíamos ouvir um barulho de carro se aproximando pela estrada, sua luz clareava a casa e entrava parcialmente pelas janelas.

– Ele será o primeiro! – disse a mulher, olhando para mim e continuou: – Acho que Henry é o nome dele, não é mesmo?

– Merda! – falei alto. O Henry vinha no domingo com os outros convidados da festa, nem conseguimos avisá-lo. Mas, como essa coisa sabe o nome dele.

– Eu sei de tudo! – respondeu ela. Parecia que ela conseguia ler meus pensamentos, ou só estava tentando me deixar louco. Manipular era seu ponto forte.

O barulho do carro sumiu e ouvimos passos chegarem à varanda.

– Olá, tem alguém em casa. É o Henry!

O fantasma da mulher desapareceu e o barulho, lá fora, sumiu do mesmo modo.

– O que faremos agora? – perguntei, olhando para Mor.

Ele ficou calado e a porta da casa se abriu, mostrando um rapaz com camiseta gola polo preta, blusa e calças jeans e sapatos encharcados de água.

– Henry! – falou Bred.

O nosso amigo estava diferente, não disse nenhuma palavra, foi entrando pela sala, ficou à frente do círculo e abriu o sorriso.

– O que é isso? – perguntou, apontando para o círculo de sal grosso, no chão.

– Não temos tempo para explicar! Entre aqui dentro agora mesmo – disse Sebastian.

Henry rodeou o círculo em passos lentos e disse: – Infelizmente, isso não será possível.

– O que está acontecendo com você? – perguntou Mi.

Ele sorriu de canto de boca e caminhou na direção da cozinha. Todos ouviram o barulho da gaveta, aquela que sempre fica debaixo da pia, abrir e fechar. O rapaz voltou para a sala com uma faca de aço inox, cabo prata e ficou estancado em nossa frente.

A Lori não parava de latir, seu pelo arrepiado chegava a subir uns dois dedos. Ela rodeava em volta de Sebastian e, pelo visto, queria atacar.

– Vocês terão de sair, mais cedo ou mais tarde, vocês irão! – disse ele, esfregando a faca lentamente em seu braço esquerdo. O sangue jorrou e ele continuou: – o único jeito de sair daqui é morrer, agora basta decidir quem será o primeiro.

Henry passeou livre e lentamente pela sala, em nossa volta, nos estudando. Seu braço ferido escorria sangue até os dedos da mão e pingava alternado pela sala. Ele foi direto até onde a 9 milímetros estava jogada, pegou-a e caminhou para o outro lado da sala.

– Ele vai pegar o pente! Não é o Henry, é o fantasma da mulher – disse.

– Isabely, é você? – Perguntou o Sebastian.

Henry olhou para ele e disse: – Logo estaremos todos juntos, meu amor...

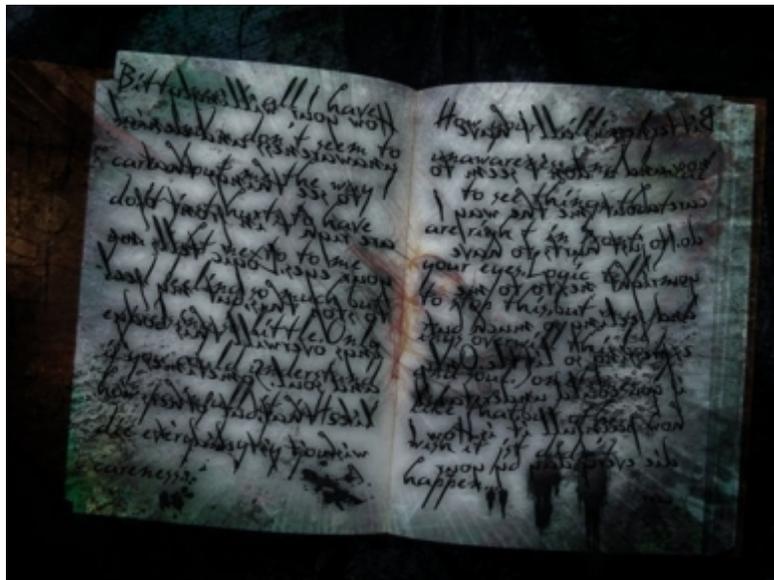
– O pai do Tomy saiu do círculo de proteção e caminhou até o Henry.

– Volte já aqui! – disse o Padre, mas ele parecia não nos ouvir, naquele momento, só existiam ele e Isabely.

Henry o abraçou e Sebastian correspondeu, seus olhos brilhavam, Lori não parava de latir e sem esperar, Sebastian foi apunhalado pelas costas. A faca quase o atravessou e, quando o fantasma a tirou, o sangue começou a jorrar com força, espalhando uma poça gigantesca pela sala. Parte do seu sangue escorria até a beirada do círculo, fazendo-o se misturar com o sal.

Henry o segurava em seus braços, enquanto Sebastian tentava falar algo, mas, na tentativa, sua boca expelia sangue e a única palavra que se ouvia da sua boca era: Isabely.

É CORRER OU MORRER



Ninguém falava nada, a não ser pelos latidos da cachorra e os choros de Mi. O padre não tirava a visão daquela cena de terror. – Vamos aproveitar esta chance para fugir. Ela possuiu o corpo daquele rapaz, e quando o fantasma conseguir a arma carregada, este círculo de nada vai adiantar

– Qual é o plano? – perguntei.

Vamos nos dividir. Bred e eu vamos lá em cima, tentaremos descobrir o que tem nesse tal quarto do meio. Vocês corram para o carro e peguem um livro de capa de couro que está no porta-luvas. Eu não queria chegar a esse ponto, mas teremos de usá-lo.

A sala estava encharcada com o sangue de Sebastian, uma zona. Olhei para ele e vi um sorriso aparecer na sua boca ensanguentada.

– O que tem nesse livro que pode nos ajudar? –perguntei.

O padre saiu do círculo e disse: – é um livro de exorcismo. Com ele teremos uma chance de tirar esse fantasma do seu amigo.

Precisamos correr, antes que seja tarde demais.

– Vamos todos juntos! – disse Mi.

– Não há tempo, criança, temos de descobrir o máximo possível de informações sobre esse tal fantasma. E, pelo visto, vou conseguir essas informações no tal quarto do meio.

– Lembrei-me do Tomy me dizendo:

"... – O quarto do meio... O colar... O diário..."

– Chris! Vamos nessa! – Mi me cutucou.

– Então vamos! – falei.

Todos assentiram com a cabeça, e Bred e o padre subiram as escadas enquanto eu e Mi corremos para o carro. Passamos bem ao lado do fantasma, e ele acompanhou nossos passos com os olhos até saímos da casa. Assim que passamos a porta, ela se fechou atrás de nós. Chegamos até o carro, aproveitei para fechar o porta-malas que não sei por que motivo estava aberto. A noite não tinha muitas nuvens e a lua cheia se mostrava para nós, clareando parcialmente a floresta. Sentamos nos bancos do carro e Mi abriu o porta-luvas e, meio sem jeito, começou a procurar o tal livro de capa de couro que o padre tinha falado.

Achei! – Falou ela, levantando o livro. Ele estava corroído pela idade, tinha capa de couro, mas o que se via era um livro literalmente caindo aos pedaços.

Abrimo-lo e vimos, gravado na sua primeira página:

"EXORCISMO NÃO AUTORIZADO PELO VATICANO"

Mi foi folheando e conseguimos ler algumas palavras naquelas letras desenhadas e antigas. Eram palavras como, invocação, receptáculo, São Miguel Arcanjo, demônios, espíritos, entre outros termos estranhos e de que eu nunca tinha ouvido falar. *Pá, Pá!* Um barulho de disparo acabou com a nossa leitura.

No quarto do meio, algumas luzes piscavam até que uma fumaça espessa e de cor preta saiu pela janela, contornou o lugar e entrou novamente. A agitação se foi por alguns instantes. Saímos do carro e ficamos do lado de fora, observando a janela por algum tempo. O padre Mor se jogou pela janela do quarto do meio, quebrando o

vidro e caindo junto com os cacos pontiagudos pelo chão, perto da varanda. Avistamos o Bred lá em cima e corremos para socorrer o padre. Mi gritou várias vezes, e os seus gritos quase sempre me assustavam, dava vontade de manda-la calar a boca, mas não o fiz. Ele estava mole e muito machucado. – Vamos sair daqui! – disse ele, entregando um diário em minhas mãos. Dei-o para Mi segurar e ajudei o padre a se levantar.

– Mas e o Bred? – perguntei.

– Não há tempo, eu explico no caminho. Vamos! – gritou ele com afobação e desespero.

Consegui jogar o padre no banco de trás do Chevrolet e saímos, arrancados dali, partindo sem direção alguma, mas seguindo o caminho pela floresta.

Os corvos negros acompanhavam nosso caminho, os galhos secos das árvores, por onde passávamos, batiam no retrovisor e o cheiro de coisa queimada tomou conta do carro. Olhei para trás e vi o padre com as mãos nas costas e parte do seu braço manchado com sangue. – Está tudo bem? – perguntei.

– Vou sobreviver – falou Mor. Uma de suas mãos estava jorrando sangue e, perto de seu joelho, um pouco para cima de sua canela, uma lasca de vidro estava cravada.

– Temos de parar! – falou Mi.

O que aconteceu lá em cima? – perguntei.

O padre gemia de dor e, um pouco sofrido, começou a falar: – Henry deu dois tiros em si mesmo, depois o fantasma de Isabely possuiu o seu amigo. Eu lamento! – falou o padre.

– Bred?

– Isso mesmo!

– Preciso de algo para tirar a dor! – resmungou o padre.

– Eu tenho algumas aspirinas na minha bolsa! – falou Mi, já a vasculhando.

– Não estava falando disto. – O padre se ajeitou no banco de trás e continuou: a – pegue a garrafa que está perto de seus pés, garota. Mi vasculhou local e, por fim, achou um frasco de vidro, embrulhado em um papel de mercearia marrom escuro.

– O que tem aí dentro? – perguntou a garota, entregando o embrulho.

– Tequila! – respondeu o padre, rasgando o papel, abrindo a garrafa e mandando um gole para baixo. O cheiro de coisa queimada ficou mais forte até que não se conseguia mais respirar. O carro estava fervendo, saindo fumaça por debaixo do capô. Saímos dele entre tossidas e, com muito sacrifício, Mi me ajudou a tirar o padre de lá.

– Precisamos de um plano! – falei.

O padre tomou mais um gole e disse: – você tem de aprender a fazer um exorcismo.

– Mas não é necessário ser um padre ou coisa do gênero para isso funcionar? –perguntei.

– Não necessariamente. Entre vários goles de tequila, o padre Mor nos ensinou o básico. Algumas palavras eram difíceis de pronunciar e saíam meio cortadas.

– Qual é a chance disto não dar certo? – perguntou Mi.

– Mor ficou quieto por algum tempo e falou:

– vocês precisam estar preparados para o plano B!

– E qual é o plano B?

O único jeito de tirar um fantasma de um corpo possuído é pela sua própria vontade, por um exorcismo como este ou a morte...

– Nunca tirem esses amuletos, com isso ela não poderá possuir vocês. – Puxei a gola da blusa e encostei a mão no peito, verificando se o amuleto ainda estava comigo. Vi Mi fazendo o mesmo.

– Como iremos segurar o Bred? Vocês já viram o tamanho dele? – perguntou Mi.

Parece que a perna do padre estava ferida, ele não conseguiu tirar a mão dela por muito tempo. Ele se levantou com sacrifício e disse: – Eu tenho um plano, mas vocês terão de fazer exatamente o que eu disser.

– Assentimos com a cabeça e o Sr. Mor continuou: – Agora que ela conseguiu possuir um corpo, o fantasma de Isabely pode ir para qual quer lugar e, com certeza, virá atrás de nós.

O EXORCISMO



Já se passou mais de uma hora que vimos o Bred pela última vez. Entre o balançar das folhas na floresta ouvimos uma voz.

– Olá pessoal. Eu sei que vocês estão por aí! Saiam, nós precisamos conversar...

Bred passou pelo carro, colocou a cabeça pela janela e não encontrou nada, olhou ao seu redor e falou: – Apareçam... Não demorem muito, seria uma pena esse aqui morrer também, vocês não acham? – O fantasma de Isabely falava com uma voz que foi engrossando de raiva a cada palavra.

– Chris, me ajuda, cara, ela vai me matar! – disse o grandão com sua voz normal.

– Fique quieto! – disse Bred, mas era o fantasma que comandava.

– Eu posso quebrar o pescoço do seu amigo a qualquer momento. Então, apareçam já!

– Padre Mor saiu mancando detrás de uma árvore de copa fechada.

– Deixe o rapaz e vá embora!

O fantasma foi se aproximando, indo na direção do padre. – Assim que todos estiverem mortos, eu deixarei o rapaz ir!

Eu e Mi estávamos escondidos entre as árvores da mata fechada. Bred continuava a caminhar na direção do padre Mor, e estavam faltando apenas alguns metros para ele chegar, quando algo o joga para trás. Bred se levanta e coloca sua mão adiante, mas algo impede que ele ultrapasse aquele limite.

– O que está acontecendo aqui? – Perguntou o fantasma, e sua voz alta e distorcida fazia meus ouvidos doerem, mesmo longe dele.

Mor chegou mais perto, ficando cara a cara com ele e disse: – isso é a sua passagem sem volta para o inferno!

O Padre descobriu algumas folhas secas com os pés, revelando uma espessa camada de sal grosso. Sua linha formava um círculo com dois metros de diâmetro e envolvia o espírito, aprisionando-o.

Bred gritou alto e totalmente distorcido. Uma voz assustadoramente rouca espalhou-se e ecoou entre as árvores da floresta.

– Vocês acham que isso poderá me segurar? – Seus olhos negros ganharam manchas de sangue a sua volta, algumas veias de seu rosto e pescoço, pareciam querer saltar para fora de tão espessas e grossas. E ele continuou: – eu também tenho alguns truques na manga! – O grandão fechou os olhos e ficou imóvel por algum tempo. A nossa volta, nos arredores da floresta, corvos negros começaram a chegar e rodear onde a criatura estava. O padre jogou água benta e sal em cima dele, mas nada funcionou. Cheguei por detrás do fantasma na tentativa de colocar o colar que o Sr. Mor tinha me dado, mas ele me viu antes e segurou a minha mão.

– O que é isso? – perguntou o fantasma, segurando o colar com uma mão e me levantando pelo pescoço com a outra. Conseguia sentir sua respiração, olhei bem nos olhos dele, mas, apesar de aquele corpo ser do Bred, eu não conseguia achar nenhum sinal do meu amigo.

– Vocês acham que este colarzinho pode me segurar?

– Fazia de tudo na tentativa de me soltar, ele era muito forte. Eu não conseguia respirar, meus pés balançavam no ar na tentativa de encontrar o chão, mas eles já estavam distantes dele.

– Pare com isto, Isabely! – disse o fantasma do Sebastian, se mostrando para nós. Ele me soltou e eu caí no chão. Tentei recuperar o ar rapidamente, mas não conseguia, ao menos, me levantar.

- Não os defenda! A culpa disso tudo é deles! Nosso filho morreu, e você não fez nada – disse o fantasma de Isabely.

Eu também o amava, mas não precisa ser assim. – Sebastian chegou perto do fantasma, colocou a mão em seu rosto e disse: – Eu te amo, poderemos ser uma família novamente.

– Você não entende! Minha chance de ser feliz já se foi faz muito tempo. – Ela tirou a mão do Sebastian de seu rosto, deixando-a pairar no ar.

O Padre Mor mancava, mas isso não o fez desistir. Ele caminhou em nossa direção, entrou no círculo e começou a falar:

– Ela não tem mais alma, Sebastian, o que restou de sua mulher foi apenas o ódio. As sombras a dominaram. Ela já causou muito mal para este mundo, mas isso acaba agora! – O Sr. Mor segurou o livro de capa de couro, bebeu um gole de água benta e começou a falar:

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Olhe para mim criatura imunda!

Que a vontade de Deus seja feita!

– Ele fez o sinal da cruz e a criatura partiu para cima do padre com tudo, mas ele continuou, mesmo caído no chão...

– Por toda a compaixão de Deus, por todo o sofrimento de Jesus, que deu a vida por nós, eu te condeno.

O inferno é a tua morada! De todos os lugares que existem nesse e em outros mundos, até os campos limpos que se espalham pela terra, você nunca ficará em paz!

Pelos seus pecados cometidos nesta e em outras vidas, eu te ordeno, em nome de Deus, Revele-se!

-A criatura se contorcia, e o padre, olhando fixamente para os seus olhos, perguntou:

– *Qual é o seu nome?*

– Bred estava em cima do padre, o vento soprava com força a nossa volta, de longe, no horizonte, os relâmpagos iluminavam os céus, corvos pairavam a nossa volta e as folhas secas das árvores reviravam com a poeira da estrada.

– *Qual é o seu nome?* – perguntou novamente o padre.

-Os olhos de Bred jorravam algumas gotas de sangue que escorriam pelo seu rosto e caíam em cima de Mor. A criatura riu com vontade e disse:

– Eu não tenho nome, sou um dos primeiros dos caídos. Estou aqui desde que a humanidade foi criada.

– O padre Mor arregalou os olhos. Parece que aquela informação o deixou desorientado, mas ele continuou a fazer o exorcismo:

– *São Miguel Arcanjo, príncipe da milícia celestial, com sua espada imponente, leve esta criatura obscura para o seu lugar de origem, que seja entregue nas portas do inferno e que sua maldade nunca volte para este mundo.*

O vento se acalmou e a criatura disse:

– Vocês não sabem com quem estão lidando. Isso teria funcionado em qualquer outro, mas em mim... Por favor, isto é um insulto.

– O que é você? – perguntou Mor?

– Sou a última coisa que você verá antes de morrer!

– Alice, Tomy, Fill e Lucas apareceram nos arredores do círculo. Bred olhou para trás e saiu de cima do padre.

– Voltem, vocês todos! – disse o fantasma.

– Mãe, essa não é você! – disse Tomy, entrando no círculo.

– Sua mãe se entregou para mim há muito tempo, garoto. O que sobrou dela foi apenas o desejo de vingança. Eu prometi para ela que todos pagariam pelo que fizeram à família dela.

– O que nós fizemos para vocês? – perguntei, levantando-me.

– Só há um jeito de isto parar! – disse Mor.

O padre cortou os seus punhos e abraçou a criatura!

– Que Deus me perdoe!

O sangue escorria em volta de Bred. Ele tentava se soltar, mas o padre estava lançando a sua última carta, nesse jogo obscuro.

-

Em nome de Deus eu te expulso, Em nome de Deus, eu te expulso...

Em nome de Deus, eu te expulso...

A mesma fumaça preta que vimos antes, em cima da casa, na janela do quarto do meio, veio à tona novamente e o seu redemoinho negro se espalhou pela floresta e foi levado para longe.

O padre caiu morto no chão e Bred o acompanhou nesse caminho sem volta.

A cena dos dois caindo mortos na minha frente passava-se em câmera lenta. Mi saiu de seu esconderijo e caiu em prantos do lado oposto a mim. Os corvos, que ali estavam assistindo a nossa batalha, voaram, acompanhando o vento até não ouvirmos nem mais um barulho. O local ficou em um silêncio absoluto a não ser pelo barulho das árvores balançando a nossa volta. Caminhei até o lugar do sacrifício e peguei o livro de exorcismo que estava há alguns centímetros da mão do padre. Seus olhos ainda estavam abertos, arregalados e da sua boca escorria um pequeno fio de sangue, fazendo uma poça que encontrava com sua mão e se misturava com o sangue de seu punho cortado.

Ele se sacrificou para mandar o fantasma de Isabely embora, pensei.

– E agora Chris? – pergunta Mi, ainda ajoelhada no chão frio.

Levantei e caminhei até ela.

– Meus olhos se encheram de lágrimas e, aos poucos, ela foi escorrendo pelo meu rosto, limpando a poeira da minha face e acalmando meu coração cheio de desespero.

O FINAL DE TUDO



Caminhamos com dificuldades até o carro. O diário do Tomy estava jogado em cima do banco, com as páginas abertas, mostrando o seu conteúdo.

Mi o pegou e começou a folhear enquanto eu tentava fazer aquela lata velha pegar. O ringido do motor quase morrendo se fez presente e conseguimos sair daquele lugar. Seguimos por uma estrada de terra e demos de topo com os fundos da casa do lago. O fantasma havia desaparecido, parecia não haver mais vestígios de Isabely. De todos que entraram neste jogo macabro, apenas eu e Mi conseguimos sobreviver.

De dentro da casa, vários latidos quebram o silêncio e pela porta dos fundos, Lori corre em nossa direção e para bem debaixo dos meus pés.

– Parece que você ganhou um cachorro! – disse Mi.

Não falei nada, apenas me ajoelhei e a acariciei.

A noite estava quase acabando e o sol ameaçava apontar dentre as montanhas. Ficamos ali parados por um bom tempo, Mi se sentou no banco do carro e mantinha toda a sua atenção no diário que o padre Mor nos deu.

– Olha isso, Chris. – Ela começou a ler.

“Hoje é sexta feira, apenas um dia se passou desde que Alice morreu, todos acreditam que eu a matei, mas isso não é verdade, eu a amo demais para fazer uma coisa dessas.”

“Hoje é sábado, já se passaram dois dias... Eu descobri quem a matou, fui ameaçado e agora eles estão atrás de mim.”

– Alguma coisa aconteceu, Chris, ele não conseguiu dizer que fez isso com eles – falou Mi mostrando-me o diário.

As últimas palavras não estavam como o restante do texto, parece que ele estava com pressa e não conseguiu nem sequer terminar a última frase.

– Ele também foi assassinado! – disse Mi.

– Assenti com a cabeça. Agora falta saber quem fez isso com eles.

Bem na frente do carro, Tomy aparece para nós. Um brilho não muito forte, quase opaco, o envolvia. Fizemos a volta no carro e caminhamos na sua direção, fiquei bem na frente dele.

O garoto estendeu a sua mão e eu a segurei.

Parece que, naquele instante, eu conseguia ver tudo o que ele viu, eu estava dentro de sua mente, vi Tomy no acidente de carro, entregando o colar de sua mãe para Alice e presenciei também quando os dois foram gravar os seus nomes naquela árvore, senti a paixão dos dois naquele momento. Eles se apoiavam em cima do banco de madeira, e um matinha o outro equilibrado.

Despertei das visões e vi Alice, minha irmã. Ela também tinha aparecido para nós, como Tomy fez, ela também estendeu a sua mão e suas visões também se tornaram minhas.

Alice estava correndo, Bred, Henry e Fill estavam tentando assustá-la. Ela subiu em um barco velho de madeira que ficava ancorado às margens do lago. Alice tirou as cordas que o prendia e, com sacrifício, foi remando até o meio das águas. Bred puxou a corda

que ainda estava na margem do rio. O barco balançava de um lado para o outro e eu senti o desespero da minha irmã chamando por ajuda, mas ninguém a ouvia. O barco tombou em cima de Alice, ela bateu a cabeça em alguma coisa e desmaiou afundando naquelas águas escuras.

Acordei do pesadelo e caí de joelhos, chorando. Tomy segurou o meu braço e eu entrei em transe outra vez.

Conseguia ver Bred e Henry atormentando o Tomy, vi também Fill cortando os seus punhos e os três carregando-o para as margens do lado.

Acordei e senti as lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

- O que está acontecendo? – perguntou Mi.

Vamos queimar este lugar! – disse, levantando-me.

Pegamos dois galões de gasolina e espalhamos no andar debaixo da casa, demos a volta com o carro e ficamos frente a frente com o quintal. Segui até a escada e, pela porta da frente, ateei fogo naquele lugar.

A porta se fechou e eu corri rapidamente até o carro. As chamas começaram a consumir a madeira da casa e uma fumaça negra expelia, por todos os buracos, portas e janelas. Da janela de cima, no quarto do meio, conseguia ver Tomy e Alice juntos, de mãos dadas, até que a chama tomou conta daquela parte da morada. Entramos no carro e Lori pulou no banco de trás. Dei partida e não muito rápido saímos daquele lugar. Sabe quando você fica literalmente sem rumo, eu não sabia o que fazer agora, não sabia para onde ir. Nada parecia ser pior do que estávamos vivendo e não poderia ficar pior.

Mi estava do meu lado, já fazia um bom tempo que ela não pronunciava nem sequer uma única palavra.

Passamos pela primeira curva e o fogo que consumia a casa sumiu do meu retrovisor.

Para minha surpresa, a estrada de terra, a nossa frente, estava coberta de sangue, o pneu do carro jogava respingos daquele líquido

vermelho escuro no vidro e na lataria do Chevrolet.

Puxei o freio de mão. – Mas, que merda é essa? – falei alto.

Meu coração apertou dentro do peito e minhas mãos endureceram no volante. Todos os convidados para a festa da casa do lago estavam pendurados em cima de nós, enforcados nas copas gigantes das árvores que estavam em cima da estrada. Suas roupas estavam dilaceradas e pelos cortes em seus corpos escorriam o sangue até pingar pelos seus pés descalços.

Mi virou-se para mim e o amuleto da mãe do Tomy se revelou em seu pescoço. Ela riu com uma voz suave e disse:

– Parece assustado, garoto?

– Isso está bem longe de terminar...

CONTINUA...